

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

CHRISTIANE VIEIRA LOPES

TECENDO A SEXUALIDADE ENTRE AVÓS, MÃES E FILHAS:
Um estudo exploratório sobre as mulheres no distrito de Antônio Pereira, Ouro Preto/MG.

MARIANA
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

CHRISTIANE VIEIRA LOPES

TECENDO A SEXUALIDADE ENTRE AVÓS, MÃES E FILHAS:
Um estudo exploratório sobre as mulheres no distrito de Antônio Pereira, Ouro Preto/MG

Dissertação apresentada à banca examinadora para
do título de Mestre em Educação pelo Programa de
Pós-graduação – Mestrado da Universidade
Federal de Ouro Preto.

Área de Concentração: Educação

Linha de Pesquisa: Diversidade, Inclusão e
Práticas Educativas.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Rosa Maria da Exaltação
Coutrim

Coorientação: Prof^a. Dr^a. Adriana Maria de
Figueiredo

MARIANA
2017

L864t

Lopes, Christiane Vieira.

Tecendo a sexualidade entre avós, mães e filhas [manuscrito]: um estudo exploratório sobre as mulheres no distrito de Antônio Pereira, Ouro Preto/MG. / Christiane Vieira Lopes. - 2017.

88f. : il. : graf.; tabs; mapas.

Orientador: Prof. Dr. Rosa Maria da Exaltação Coutrim.

Coorientador: Prof. Dr. Adriana Maria de Figueiredo.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Área de Concentração: Educação.

1. Família. 2. Sexo. 3. Mulheres. 4. Relações entre gerações. 5. Antônio Pereira (Ouro Preto). I. Coutrim, Rosa Maria da Exaltação. II. Figueiredo, Adriana Maria de. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU: 37:57.017.5(043

Catálogo: www.sisbin.ufop.br



Christiane Vieira Lopes

“TECENDO A SEXUALIDADE ENTRE AVÓS, MÃES E FILHAS: um estudo exploratório sobre as mulheres no distrito de Antônio Pereira, Ouro Preto/MG.”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da UFOP, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Dra. Rosa Maria da Exaltação Coutrim (Orientadora)
Universidade Federal de Ouro Preto

Profa. Dra. Adriana Maria de Figueiredo (Coorientadora)
Universidade Federal de Ouro Preto

Prof. Dr. Marco Antonio Torres
Universidade Federal de Ouro Preto

Profa. Dra. Inês Assunção de Castro Teixeira
Universidade Federal de Minas Gerais

*Dedico este trabalho às minhas filhas, Laura e Júlia,
pela compreensão, ao serem privadas de muitos momentos da minha companhia
e pelo esforço que fizeram para que eu pudesse superar cada obstáculo nessa trajetória.
Amo vocês “maior” que o céu.*

*E a vocês, Caetana, Ingrid (Raquel) e Keite, mulheres guerreiras do distrito de Antônio
Pereira, que deram as suas vidas por não se subalternizarem.
(in memoriam)*

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Dr^a. Rosa, minha doce e meiga orientadora, pela confiança, carinho, credibilidade e amizade construída ao longo dessa árdua trajetória e pela grande oportunidade de trabalhar ao seu lado, sendo, com certeza, a maior incentivadora na superação dos meus limites.

À Prof^a. Dr^a. Adriana, coorientadora querida, que sempre acreditou em minhas potencialidades e me incentivou em todos os momentos dessa caminhada. Com certeza, você representa o alicerce nessa construção.

A vocês, meu eterno agradecimento e admiração.

À minha querida mãe, de quem deixei de estar junto em momentos tão importantes e necessários.

Ao grande colaborador dessa pesquisa, o colega e amigo Miguel Arcangelo Serpa, por sua sabedoria, motivação e operacionalização em muitos momentos dessa pesquisa.

À Isabela Gonzaga Silva, importante colaboradora na organização e construção dos dados.

À Helenice Nunes, amiga querida e grande parceira na coleta de dados, que nunca limitou seus esforços para a realização desse trabalho.

Às queridas amigas-irmãs, Ivana Neves e Christiane Almeida, sempre juntas, me apoiando a qualquer distância.

Às agentes comunitárias e à toda a equipe da Estratégia Saúde da Família de Antônio Pereira, em especial à querida Beth Ricieri, por contribuírem para a viabilização dessa pesquisa.

Às mulheres participantes da pesquisa, pelo carinho e acessibilidade.

À Prefeitura Municipal de Ouro Preto pelo livre acesso na concretização dessa pesquisa.

A todos que, de alguma maneira, contribuíram pela elaboração, desenvolvimento e finalização desse trabalho, o meu eterno agradecimento.

Acredita-se que, para alcançar a aceitação social,
Temos que agir igual aos outros.
Todos, então, se tornam parecidos e desejam as mesmas coisas.
As singularidades de cada um desaparecem,
Chegando ao ponto em que não dá mais para saber o que realmente se deseja
ou que se aprende a desejar.

Regina Navarro

RESUMO

No espaço familiar são expressos os valores culturais e humanos que constroem as relações entre as gerações e as mulheres ocuparam, e ainda ocupam, importante lugar no núcleo articulador familiar das práticas que norteiam o processo de reprodução social, afetivo e sexual. O conceito de sexualidade descrito nesta pesquisa trouxe, como referência, crenças, comportamentos e relações socialmente construídas. A pesquisa buscou conhecer indícios da transmissão intergeracional entre três gerações de mulheres de uma mesma família, sendo proposto, como objetivo principal, discutir aspectos relativos à sexualidade entre avós, mães e filhas, moradoras do distrito de Antônio Pereira - Ouro Preto/MG, na perspectiva da 2ª geração, analisando as continuidades, as discontinuidades e as diferenças entre as próprias mulheres. Como objetivo específico, buscou-se traçar um perfil das famílias, cujas mulheres mães, possuem filha(s) adolescente(s) e mães que coabitam o domicílio ou microáreas do território adscrito do distrito Antônio Pereira. Tratou-se de uma pesquisa de cunho exploratório de análise quantitativa e como técnica de coleta de dados, foi aplicado um questionário adaptado da pesquisa Gravad (2006), à 71 mulheres da 2ª geração de três gerações de mulheres de uma mesma família, compreendendo a totalidade do universo. Dentre os achados da pesquisa, percebemos que muitos comportamentos das mulheres participantes se repetem de uma geração a outra, e existem comportamentos tanto das mais jovens quanto das mais velhas que se assemelham, o que indica que há aproximação e afastamento entre as mulheres das diferentes gerações. Também pelas respostas dos questionários percebemos a importância de instituições e grupos que fazem parte do meio em que essas famílias vivem para a construção de sua sexualidade, o que contribui para estruturar as relações tecidas pelas gerações nessa localidade. A literatura consultada nos ajudou a compreender como a produção social de aspectos da sexualidade foi sendo construída a partir das relações intergeracionais, chamando a atenção para as persistências dos padrões nas trajetórias dessas mulheres, como, por exemplo, nas escolhas profissionais, a idade em que a 2ª geração engravidou em relação à 1ª; ou mesmo para as mudanças intergeracionais, como o aumento de escolaridade entre as gerações e a mudança do perfil religioso. Observamos, ainda, que há uma subalternização das mulheres do distrito de Antônio Pereira e um predomínio da família nuclear, que reforçam a definição da identidade feminina através da família e que o lugar da maternidade, ocupado por essas mulheres, continua sendo um atributo essencialmente forte. Por esses achados, ao se pensar nas gerações, percebemos que nada está estático, nem mesmo em um pequeno distrito de Ouro Preto, cidade do interior de Minas Gerais.

Palavras-chave: Família; Sexualidade; Gerações de Mulheres; Distrito de Antônio Pereira.

ABSTRACT

In the family space are expressed the cultural and human values that build the relationship between the generations, and the women occupied, and still do, an important place in the family articulating nucleus that guide the process of social, affective and sexual reproduction. The concept of sexuality described in this research brought as reference beliefs, behaviors and relationships that were socially built. The research sought to know the indication of the intergeracional transmission between three generations of women in the same family, being proposed, as main goal, discuss aspects related to sexuality between grandmothers, mothers and daughters, residents of Antônio Pereira - Ouro Preto/MG, in the second generation perspective, analyzing the continuities, discontinuities and the differences among the women themselves. As a specific goal it is sought to trace a profile of the families in which women are mothers of teenage daughters and cohabit the household or microareas of the territory of Antonio Pereira. It is a research of exploratory nature of quantitative analyses and as data collecting technique it was applied an adapted questionnaire from the Gravad Research (2006) to 71 women of the second of three generation from a same family, comprising the totality of the universe. Among the research findings, we realized that many of the behaviors of the women that participated in the study repeat from a generation to another, and that exist some behaviors of the older and the younger women that are similar, which indicates that there is an approximation and a distance between the women from different generations. Also, through the answers to the questionnaire, we realized the importance of institutions and groups that are part of the environment in which these families live in the construction of these women sexuality, contributing to structure the relationships build by the generations in this location. The literature consulted helped us to understand how the social production of sexuality aspects were built from the intergenerational relationships, calling attention to the persistence of patterns in these women trajectory, such as the professional choices, the age that the second generation got pregnant comparing to the first one; or even to the intergenerational changes, such as increased schooling from a generation to another and the difference in the religious profile. We also observed that there is a subalternation of the women of the district of Antônio Pereira and the nuclear family predominance that reinforce the feminine identity through family, and that the motherhood position, occupied by these women from the district Antônio Pereira, continue to be an essentially strong attribute. By these findings, when we think about generations, we realize that nothing is static, not even in a small district of Ouro Preto, a city in the interior of Minas Gerais.

Key words: Family; Sexuality; Generations of Women; district of Antônio Pereira.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AP - Antônio Pereira

CDC - *Centers for Disease Control and Prevention*

ECA - Estatuto da Criança e Adolescente

ESF - Equipe de Saúde da Família

ESF - Estratégia de Saúde da Família

E-SUS AT - Estratégia do Governo Federal para Reestruturar as Informações da Atenção Básica da Saúde

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMS - Organização Mundial da Saúde

OP - Ouro Preto

PET-Saúde - Programa de Educação pelo Trabalho em Saúde

PMOP - Prefeitura Municipal de Ouro Preto

PSF - Programa Saúde da Família

UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto

UBS - Unidade Básica de Saúde

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Religião das três gerações	52
Gráfico 2: As 1ª, 2ª e 3ª gerações conversam/conversavam sobre sexo e namoro	56
Gráfico 3: Com quem a 2ª geração conversa e aprende sobre sexualidade	57
Gráfico 4: Onde a 2ª geração obteve informações sobre sexo e namoro	58
Gráfico 5: Quem a 2ª geração acha que deve orientar a 3ª geração sobre assuntos da sexualidade	59
Gráfico 6: A 1ª geração conversou com a 2ª sobre puberdade, sexo e namoro	60
Gráfico 7: A 2ª geração conversa com a 3ª sobre puberdade, sexo e namoro	60
Gráfico 8: A 2ª geração aprende sobre sexualidade com a 3ª geração	61
Gráfico 9: As gerações permitem que sua(s) filha(s) durma(m) com o parceiro	62
Gráfico 10: Idade em que a entrevistada teve a primeira relação, a primeira gravidez e o primeiro filho	63
Gráfico 11: Situação antes da primeira gravidez (2ª geração)	65
Gráfico 12: Com quem a 2ª geração morava quando engravidou	65
Gráfico 13: Reação da 1ª geração quando a 2ª engravidou e reação da 2ª geração caso a 3ª engravide	66
Gráfico 14: Planos da 2ª geração antes de engravidar	67
Gráfico 15: O companheiro da 2ª geração é pai da 3ª geração	68
Gráfico 16: Quem cuidava da criança (3ª geração) em razão do trabalho da mãe (2ª geração)	69
Gráfico 17: Com quem/onde a 2ª geração aprendeu sobre contracepção	70
Gráfico 18: Onde a 2ª geração aprendeu sobre gravidez	71

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do município de Ouro Preto e seus distritos

47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 REFLETINDO SOBRE OS PILARES CENTRAIS DA PESQUISA: FAMÍLIA, SEXUALIDADE, MULHERES E GERAÇÕES	20
1.1 Conceituando a família	20
<i>1.1.1 Formações familiares na contemporaneidade</i>	<i>24</i>
<i>1.1.2 A mulher na família brasileira contemporânea</i>	<i>29</i>
1.2 Sexualidade: uma construção histórica	30
1.3 Mulheres e condição feminina no Brasil	33
1.4 Reflexões sobre as gerações	38
2 ANTÔNIO PEREIRA, UM DISTRITO SINGULAR: A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA	43
2.1 Construção metodológica	43
2.2 Caracterização da localidade e dos sujeitos da pesquisa	46
2.3 Conhecendo melhor o universo das mulheres participantes da pesquisa	49
3 O QUE NOS DIZEM AS MULHERES DA 2ª GERAÇÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE	55
3.1 A construção social da sexualidade: diálogo entre entre as gerações/intuições colaboradoras nesse processo (escola, amigos, outras fontes)	56
3.2 Gravidez e primeiro filho: trajetórias de cada geração/relações intergeracionais	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	76
ANEXOS	82

INTRODUÇÃO

A motivação para a realização desta pesquisa sobre aspectos relativos à sexualidade entre três gerações de mulheres foi construída ao longo de minha história de vida e do meu percurso profissional. Sendo mulher, divorciada e mãe de gêmeas adolescentes, frequentemente me encontrava em situações que exigiam decisões difíceis e nem sempre certeiras na criação delas, o que me trazia angústia, principalmente quando as informações trocadas entre mãe e filhas se relacionavam à educação para a sexualidade.

Sou nascida e criada em uma família orientada por costumes católicos do interior de Minas Gerais e falar sobre temas relativos a sexualidade e sobre as mudanças físicas, psíquicas e fisiológicas vivenciadas pelas adolescentes, sempre foi considerado um tabu em meu meio familiar. Única filha mulher, caçula e irmã de três homens, não encontrava espaço para as conversas e informações de que necessitava. As dúvidas eram sanadas apenas nas reuniões com amigas, pois a escola se limitava ao aprendizado da anatomia e dos sistemas reprodutores humanos. Essa “não permissibilidade” no meio familiar e os desafios a serem superados resultaram em sofrimento nesse ciclo de minha vida. Foi buscando romper esses “dogmas” familiares e sociais que escolhi, inicialmente, fazer graduação em Psicologia e, posteriormente, em Enfermagem, com o intuito de trabalhar com Saúde Pública e com as questões que envolvem a mulher, sem delimitar suas etapas de vida (criança, jovem, adulta e idosa).

Ao longo de meu percurso profissional, tive o privilégio de ouvir muitas histórias de mulheres de gerações diferentes, quer em situações informais do convívio diário, quer em contextos mais formalizados, como na desafiadora experiência de ser coordenadora do cuidado da Estratégia de Saúde da Família do município de Ouro Preto por vários anos. As histórias escutadas, repletas de emoções que, diariamente, eu e minha equipe acolhíamos nas consultas de enfermagem e nas atividades coletivas remetiam aos problemas do dia a dia no âmbito familiar, no trabalho, na escola ou no ciclo de amizades dessas mulheres. Muitas vezes, ficava evidente o desejo e a necessidade de serem ouvidas. O silêncio imposto a essas mulheres por valores cultuados em nossa sociedade, que ainda traz traços de uma cultura machista, conservadora e preconceituosa, passou a ter voz e autonomia nessas ocasiões, entre as quatro paredes da sala de enfermagem. É com esse olhar e cuidado que tenho procurado educar minhas filhas e priorizar a minha assistência na enfermagem. Considero que criei minhas filhas praticamente sozinha, pois me separei e mudei de cidade entre 2006 e 2007.

Em minha prática como enfermeira da Estratégia da Saúde da Família (ESF) em Antônio Pereira, um distrito de Ouro Preto, onde desenvolvi um trabalho em promoção e prevenção à saúde da mulher, passei a assistir, com frequência, adolescentes grávidas. A ESF permite e capacita o(a) enfermeiro(a) para acompanhar todo o pré-natal de risco habitual, com ou sem alternância do médico de família e ginecologista.

Mesmo sabendo que a gravidez na adolescência é um assunto que preocupa os profissionais e os governantes em nosso país, no distrito de Antônio Pereira, onde trabalhei por vários anos, a situação me pareceu alarmante em relação a outros locais da região. Os profissionais da escola solicitavam minha presença com frequência para ministrar oficinas e palestras para jovens do Ensino Fundamental e Médio. Nessas ocasiões, em conversas informais com a diretora e com a supervisora da escola estadual do distrito, discutíamos como iríamos contribuir para a redução e o controle de natalidade na escola e na comunidade. O que mais me inquietava era que, mesmo realizando oficinas, palestras e atendimentos focados nas orientações de prevenção de assuntos relacionados, principalmente, à sexualidade para esse público específico, não estávamos obtendo um retorno esperado no que se referia ao planejamento familiar e ao controle de natalidade dessa comunidade, bem como à redução de comportamentos sexuais de risco que estavam expostos.

Diante desse quadro, comecei a me questionar sobre qual resultado estava buscando. O que mais me angustiava ao ver meninas tão jovens grávidas era que a gravidez, para elas, apesar de tão precoce, representava uma opção de vida, um desejo e uma escolha, que trazia um outro significado diferente do meu desejo e percepção.

Apesar do Ministério da Saúde preconizar que meninas menores de 15 anos, se grávidas, têm necessariamente que ser acompanhadas por ginecologistas, pois são consideradas de alto risco, elas são assistidas também pela enfermeira e médicos da ESF.

Cada dia mais, meu cotidiano me instigava a investigar o que a gravidez representava não só para as jovens, mas para as mães dessas adolescentes, para conhecer em qual contexto familiar elas estavam inseridas. Esse interesse surgiu nas consultas em que as mães estavam presentes para acompanhar as jovens grávidas. Nesses meses de assistência, conseguíamos estabelecer um vínculo de confiança e credibilidade com elas. Assim, observava que estar grávida era um estado que agradava também às mães das adolescentes, pelo menos, era o que transparecia nas consultas. A ausência do parceiro no pré-natal era justificada pelo trabalho “por turno” nas mineradoras.

Muitas adolescentes engravidavam de homens moradores do distrito, que vinham trabalhar nas mineradoras da região, geralmente com tempo pré-determinado de contratação.

Sabe-se disso porque, ao se instalarem no distrito, a empresa solicita o cartão vacinal completo para a contratação desses trabalhadores, fazendo com que procurem a Unidade de Saúde. Tais registros davam à equipe de saúde do distrito bases empíricas para a contabilização de parte da população flutuante. Além disso, o Programa Saúde da Família (PSF) permite que façamos um mapeamento de toda a população, inclusive dos que moram em alojamentos e que são contratados pelas empresas prestadoras de serviços na região. No período de expansão das mineradoras, antes do rompimento da barragem de Fundão¹, em Mariana, a rotatividade de profissionais com pouca qualificação na região contratados pelas mineradoras era grande.

Partindo dessas observações cotidianas, levantei alguns questionamentos sobre a família e o processo de transmissão de conhecimentos, práticas e hábitos que levavam as jovens a estabelecerem um comportamento sexual bem distinto de gerações anteriores. Além das observações, constatei que os dados do Sistema de Informações da Atenção Básica (SIAB)² da ESF de Antônio Pereira revelam que o número de adolescentes grávidas está aumentando, e que a primeira gestação tem ocorrido cada vez mais precocemente. Dessa forma, com as observações feitas durante o atendimento a essas mulheres no pré-natal, no distrito de Antônio Pereira, e por perceber que as ações educativas voltadas à sexualidade, principalmente das jovens, não correspondiam à proposta de um planejamento familiar, apesar do investimento socioeducativo da equipe e da parceria constante com a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), por meio do Programa de Educação pelo Trabalho (PET Saúde) e de

¹No dia 5 de novembro de 2015, a cidade histórica de Mariana, foi o cenário principal do maior desastre ambiental da história do Brasil, de acordo com o Ibama. A barragem de Fundão, da mineradora Samarco, localizada neste município, rompeu-se, provocando o vazamento de 62 milhões de metros cúbicos de lama de rejeitos de minério, destruindo as memórias e a história de vida de milhares de pessoas. O vazamento, considerado o maior de todos os tempos em volume de material despejado por barragens de rejeitos de mineração provocou também a poluição do Rio Doce e danos ambientais que se estenderam aos estados do Espírito Santo e da Bahia. A lama devastou, entre outros territórios, o distrito de Bento Rodrigues, onde provocou a morte de 19 pessoas. Além das perdas humanas e materiais, a lama que escapou em razão do rompimento da barragem provocou um grave impacto ambiental, liberando toneladas de resíduos no meio ambiente. Devido à extensa área atingida, a fauna e a flora do Rio Doce ficaram ainda mais vulneráveis: ecossistemas e espécies que já eram ameaçadas por atividades predatórias e impactos da indústria, agricultura e mineração, passaram a correr sério risco de extinção. De acordo com o pesquisador Marcos Freitas, do Instituto Virtual Internacional de Mudanças Globais, e que participa do Grupo de Recomposição da Bacia do Rio Doce, serão necessários anos ou possivelmente décadas para a recuperação da bacia. A Samarco é controlada pela Vale e pela empresa australiana BHP Billiton, que possuem minas pra extração de minério de ferro em Mariana e Ouro Preto. (Relatório final da Comissão Nacional de Políticas de Barragens; Brasília, 2016).

²Até o ano de 2016, ainda se trabalhava em Ouro Preto com o SIAB. Mensalmente, cada equipe de Saúde da Família fazia o consolidado das informações da população adscrita, quantificando e descrevendo os tipos de atendimentos realizados pelos profissionais, as ações, os agravos de saúde etc. Também se quantificava as mulheres grávidas de cada área de abrangência. Todas essas informações eram repassadas ao Ministério da Saúde, via Secretaria Municipal de Saúde. A partir de 2017, o sistema passou a ser informatizado, via E-SUS, e as informações passaram a ser enviadas diretamente pelos PSF.

acadêmicos de Medicina do 12º período (internato rural), surgiu o interesse em investigar os aspectos relativos à sexualidade entre avós, mães e filhas para analisar as continuidades e descontinuidades, os desafios e as diferenças entre as próprias mulheres.

Propus-me, então, a repensar a imagem que tinha das mulheres desse distrito a partir da teoria e, daí, surgiu a motivação para a realização de uma pesquisa de mestrado que fizesse uma interlocução com três gerações de mulheres. Assim, foi criada a proposta de uma pesquisa que traçasse um perfil das famílias cujas mães possuíssem filha(s) adolescente(s) e mães que coabitassem o domicílio ou em microáreas do território adstrito de Antônio Pereira, buscando analisar as continuidades, descontinuidades e diferenças de aspectos relativos à sexualidade entre as próprias mulheres das famílias.

Sabe-se que, no espaço familiar, são expressos os valores culturais e humanos que constroem as relações entre as gerações, e que as mulheres ocuparam, e ainda ocupam, importante lugar no núcleo articulador familiar das práticas que norteiam o processo de reprodução social, afetivo e sexual. Partindo de tal constatação, essa pesquisa surgiu a partir de várias questões, sendo uma delas a central: Como ocorre o processo coeducativo intergeracional da sexualidade entre três gerações de mulheres de uma mesma família?

Desse questionamento foram propostos os seguintes objetivos:

O objetivo principal geral da pesquisa foi discutir aspectos relativos à sexualidade entre avós, mães e filhas de um distrito de Ouro Preto na perspectiva da 2ª geração, analisando as continuidades, descontinuidades e as diferenças entre as próprias mulheres.

Como objetivo específico, propusemo-nos traçar um perfil das famílias cujas mulheres mães possuem filha(s) adolescente(s) e mães que coabitam o domicílio ou em microáreas do território adstrito de Antônio Pereira.

Assim, a preocupação da pesquisa está no movimento dessas ações, na compreensão de como as mulheres organizam seus desejos e prazeres, orientadas por valores morais e intencionais de conhecimentos entre as diferentes gerações que, muitas vezes, exigem mudanças nos papéis rigidamente estabelecidos das pessoas que integram esse ambiente.

Pela literatura consultada, percebemos que poucos pesquisadores utilizaram como estratégia de pesquisa a análise dos relacionamentos intergeracionais, investigando, simultaneamente, três gerações de mulheres de uma mesma família, ou seja, de mulheres-mães. Assim sendo, buscando mostrar como é produzido, socialmente, aspectos relativos à sexualidade no âmbito familiar e a função exercida pelas mulheres de três gerações diferentes, essa dissertação traz contribuições relevantes tanto para prática profissional dos que trabalham

com população em áreas de alta vulnerabilidade social³ quanto para os estudos na área da Educação no espaço familiar, além de trazer subsídios para a discussão sobre a relação entre duas grandes categorias de análise, que são gênero e gerações. As reflexões trazidas aqui também podem contribuir com elementos de análise para quem convive diretamente com essas mulheres e com tantas outras que vivenciam situações semelhantes em pequenos distritos ou em periferias de grandes centros no Brasil.

A pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem de cunho exploratório de análise quantitativa, e contou com um levantamento documental e bibliográfico. Para a coleta de dados empíricos foram aplicados questionários com questões estruturadas e semiestruturadas a todas as mulheres do distrito de Antonio Pereira que possuíam filha(s) adolescente(s) e mães que coabitavam o domicílio ou o distrito. Ao todo, foram respondidos 71 questionários, que, posteriormente, foram tabulados e analisados.

Para a melhor organização dos dados gerados a partir da pesquisa, a dissertação foi dividida em três capítulos. O primeiro deles trata de uma reflexão sobre família, sexualidade e gerações. Inicialmente, o capítulo traz uma discussão sobre o modelo hegemônico da família ocidental contemporânea, iniciando com um breve histórico sobre as mudanças sócio-históricas. Também são abordados os múltiplos arranjos familiares que surgiram resultantes de transformações ocorridas na sociedade ocidental, trazendo, em um segundo momento, uma reflexão sobre as mudanças sofridas na família brasileira contemporânea. Aqui, o conceito de produção da sexualidade foi trabalhado enquanto uma construção histórica. Nessa perspectiva, os aspectos relativos à sexualidade são produzidos, levando em consideração o momento histórico e o contexto social no qual estão inseridos. O contexto familiar aqui trabalhado, onde prima aspectos relativos à sexualidade, se referencia a três gerações de mulheres que marcam mudanças que, decodificadas pelas informações culturais, propiciam a construção de suas identidades.

No Capítulo 2, há uma contextualização da pesquisa trazendo a localização do distrito em estudo, um breve relato sobre sua história e sobre sua configuração socioeconômica. Além disso, é detalhada a metodologia da pesquisa, trazendo o percurso

³ Como forma de mitigar os problemas sociais enfrentados pelos moradores no local, como abuso de drogas, estupro e assassinatos (em 2016, duas mulheres participantes dessa pesquisa foram encontradas mortas, nuas e com sinais de estupro), vários projetos sociais foram fundados, mas, infelizmente, somente alguns tiveram continuidade, sobretudo devido à falta de atenção dada ao local pelas autoridades. Um fator que contribui para a instabilidade local foi ocasionado pelo rompimento da barragem de Fundão, em 2015 e pertencente à mineradora Samarco, cuja central está situada em Antônio Pereira, o que deixou a economia local muito prejudicada. Desde então, muitos moradores são a favor do retorno das atividades na esperança da geração de novos empregos. Atualmente, a empresa e empreiteiras ligadas a ela estão fechadas ou operando com número reduzido de funcionários, por determinação do Ministério Público.

seguido no processo de coleta de dados e da aplicação dos questionários, bem como sua análise. Em seguida, é apresentado o perfil (renda, idade, estado civil, profissão etc.) familiar da 2ª geração de mulheres, que compõem o grupo estudado na presente pesquisa.

O Capítulo 3 apresenta os resultados da pesquisa, construídos a partir das discussões e análises das informações coletadas com a 2ª geração de mulheres das famílias selecionadas. Nesse capítulo, buscamos analisar as continuidades, descontinuidades e diferenças relacionadas à sexualidade entre as gerações. Assim, a partir do cruzamento de diferentes informações, buscamos conhecer melhor o universo das mulheres do distrito de Antônio Pereira.

Finalmente, são detalhadas as considerações finais e as perspectivas que a presente pesquisa aponta para estudos futuros.

1 REFLETINDO SOBRE OS PILARES CENTRAIS DA PESQUISA: FAMÍLIA, SEXUALIDADE, MULHERES E GERAÇÕES

Para realizar uma discussão sobre o processo de produção social de aspectos relativos à sexualidade no âmbito familiar, julgou-se importante iniciar o trabalho trazendo uma reflexão sobre três pilares teórico-conceituais para a pesquisa ora apresentada, que são: família, sexualidade e gerações. Inicialmente, o capítulo traz uma discussão sobre o modelo hegemônico da família ocidental contemporânea, por meio de um breve histórico sobre as mudanças sócio-históricas pelas quais passou, com relevância aos períodos compreendidos entre os séculos XV e XIX. Também serão abordados os múltiplos arranjos familiares que surgiram, resultantes de transformações ocorridas na sociedade ocidental, e, em um segundo momento, uma reflexão sobre as mudanças sofridas na família brasileira contemporânea. Nas seções seguintes, serão abordadas questões dos aspectos relativos à sexualidade de diferentes gerações de mulheres de um mesmo núcleo familiar, enquanto produção sociocultural, e se discorrerá brevemente a respeito da mulher brasileira e de sua luta para transformar o papel de subalternização atribuído historicamente a ela.

1.1 Conceituando a família

Nos últimos anos, o perfil da família nas sociedades modernas vem sendo alterado em ritmo acelerado. As famílias vêm apresentando novos modelos de organização, diversificando e transformando o cenário das relações familiares no contexto social, afetivo, sexual e intergeracional. Tal processo, além de marcar a contemporaneidade, tem colocado em questão a hegemonia do modelo de família nuclear, constituído pelas figuras do pai, da mãe e do filho que, historicamente, tem sido considerado pela sociedade ocidental como predominante.

Representando o alicerce na construção e na formação do sujeito social, a família vem se construindo culturalmente, constituindo-se, na prática, em grupos legitimados em suas singularidades e estruturados por meio das relações de consanguinidades, de descendência e de afinidades. Lévi-Strauss (1986 *apud* OLIVEIRA, 2009), ao afirmar que a vida doméstica passa a assumir formas específicas de acordo com o contexto social em cada sociedade e em

cada época histórica, reforça a ideia de uma construção cultural da família. Além dessas mudanças culturais, indicadores sociais e demográficos apontam, no processo de constituição familiar, para uma significativa redução na taxa de fecundidade e para um expressivo aumento da expectativa de vida da população idosa (CAMARANO, 2014).

Ainda segundo Camarano (2014), desde a segunda metade do século XX, novos padrões surgiram, tais como: famílias reconstituídas, aumento nas taxas de divórcios/separações, de recasamentos e não casamentos. Além das mudanças na configuração dos casais, nota-se também o crescimento percentual de famílias que optaram por não ter filhos. A inserção maciça da mulher no campo profissional, que acarretou sua maior autonomia e independência, além de sua luta em grupos e movimentos, também estão fortemente associadas a essas mudanças. Nesse contexto, pode-se afirmar que esses arranjos vêm alterando o sistema de valores construídos, compondo um novo panorama social, afetivo e familiar.

Singly (2007), fazendo uma menção às concepções de Émile Durkheim sobre família, retoma o conceito, definindo-o como sendo conjugal, relacional e individual. “Conjugal, por sua natureza restrita, centrada no casal com ou sem filhos; relacional, por enfatizar as relações e não os bens materiais; e individualista, por enfatizar a individualidade e a autonomia dos indivíduos” (SINGLY, 2007, p. 439). O autor utiliza ainda o termo “família restrita” ao invés de “família nuclear”, para atribuir a origem do sentimento familiar em sua relação com os outros, o que nos permite pensar numa relação dinâmica, de movimento contínuo. Para ele, as famílias na atualidade se definem mais pelas relações internas travadas no ambiente familiar, situando-as em um domínio mais individual e menos institucional, com base em um sistema de valores que aprova a autonomia e a recusa dos indivíduos em seguirem costumes referentes ao desempenho dos papéis sociais de marido e esposa, comuns às gerações anteriores. Destaca, ainda, que, a partir da segunda metade do século XX, a família foi se definindo mais pelas relações que foram acontecendo em seu interior, passando a ser menos hierarquizada.

Por sua vez, Ruiz Correa (2000) define a família como um grupo dotado de características singulares e plurais, que reúne elementos de continuidade e contiguidade que incluem os laços de aliança, de filiação e de fraternidade. Na intercessão desses elementos dentro do espaço familiar encontramos uma herança intergeracional que reflete diretamente na relação familiar e afeta, no caso da presente pesquisa, os laços que vão se formando no convívio entre as avós, mães e filhas de Antônio Pereira. Práticas e disposições familiares contribuem para a construção social da sexualidade, e possibilitam que as diferentes gerações

se interajam nesse aprendizado em um processo coeducativo. Nesse contexto, entre as gerações familiares, a sexualidade deve ser percebida não apenas como um processo biológico de desejos e vontades, mas como uma construção social que, de acordo com Bozon (2004), é capaz de coordenar as atividades físicas e mentais do indivíduo, apresentando papel importante na legitimação da ordem entre os sexos e as gerações.

Ao longo da história, o ser humano tem buscado uma aproximação entre si, no intuito de satisfazer suas necessidades afetivas, psíquicas, fisiológicas, sociais e/ou econômicas, por meio da criação de grupos ao seu redor que se sustentam com vínculos de amizade, de aprendizado ou de afeto. Nos último século, a forma como as famílias vêm se constituindo, a escolha do(a) parceiro(a), quem é considerado membro da família, os laços consanguíneos, aqueles criados a partir do casamento, configuram um importante objeto para a investigação (ARIÉS, 2006; GIDDENS, 2004; SINGLY, 2007), os levando a acreditar, conforme Giddens (2004, p. 174), que há “mudanças nos padrões familiares, que seriam inimagináveis para as gerações anteriores”. Com isso, é possível supor que essas novas formas familiares vão se aliando, substituindo e se agregando às já existentes, dando um novo significado e se legitimando nos dias atuais. Assim, uma vez que não existe um modelo único e universal de família, Giddens (2004) afirma que seria mais apropriado usarmos o termo “famílias”, como a família nuclear, que é formada pelos pais e pelos seus filhos solteiros, e a família alargada ou extensa, “constituída pela família nuclear e outros parentes, como tios, avós ou núcleos familiares com origem no casamento dos filhos” (AMARO, 2001, p. 71). As expressões como família monoparental⁴, família recomposta ou reconstituída⁵, família em coabitação⁶ e família homoafetiva⁷ tornaram-se frequentes de se encontrar nos estudos de Sociologia e da família.

Giddens (2004, p. 174) também revela que “são muitos os que optam por viverem juntos em coabitação antes do casamento, ou em alternativa ao casamento”. Com essa complexidade de novas estruturas que vêm sendo construídas ao longo dos tempos, não se pode definir família somente a partir de uma configuração única.

A palavra “família” deriva, em sua gênese, do vocábulo *famulus*, de origem latina, que significa “escravo doméstico” (ERNOUT; MEILET, 1951 *apud* LEANDRO, 2006). Essa

⁴ Constituída pela criança e por um dos progenitores, segundo Oliveira (2010).

⁵ De acordo com Giorgis (2010), entende-se por família recomposta ou reconstituída a estrutura familiar originada de um novo casamento ou de uma nova união, depois de uma ruptura familiar, quando um ou ambos integrantes do novo casal têm filho ou filhos de uma relação precedente.

⁶ Alves(2004) define família convivente ou em coabitação como aquelas estendidas, compostas por duas ou mais famílias nucleares, parentes ou não-parentes.

⁷ Conforme Dias (2003; 2005), famílias homoafetivas são formadas pela união de indivíduos do mesmo sexo.

expressão de origem romana, além de designar um conjunto de escravos e servidores, designa também os indivíduos que coabitam e os bens materiais que pertencem a esse ambiente comum. Nesse contexto, e como pilares dessa construção, tem-se, de um lado, a figura masculina, representada pelo marido e senhor, e, do outro, a mulher, os filhos e os servidores, numa relação constante e total subserviência. Apesar do sentido de posse e de poder ligados à origem e à evolução do grupo familiar, este não é o primeiro modelo de constituição familiar do qual se tem conhecimento.

Numa abordagem demográfica, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) relaciona o conceito de família, associando-o com domicílio:

Conjunto de pessoas que vive em um domicílio particular, cuja constituição se baseia em arranjos feitos pela pessoa, individualmente ou em grupos, para garantir alimentação e outros bens essenciais para sua existência. Sua formação se dá a partir da relação de parentesco ou convivência com o responsável pela unidade doméstica, assim indicado e reconhecido pelos demais membros da referida unidade como tal (IBGE, 2010, p. 5).

Outro termo usado no Censo 2010 é o de “famílias conviventes”, que são as constituídas de, no mínimo, duas pessoas cada uma, que residam na mesma unidade domiciliar, podendo ser um domicílio particular ou unidade de habitação em domicílio coletivo. Para o IBGE, dentro de um mesmo domicílio, pode haver mais de uma família vivendo juntas com uma ou mais pessoas não relacionadas ao mesmo núcleo, ou ainda, sem nenhum vínculo de parentesco entre si. Dessa forma, o IBGE não considera a constituição interna ao grupo familiar nem a hierarquia, segundo a qual se destaca a autoridade paterna e/ou do homem sobre a mulher, a monogamia e a legitimidade dos filhos.

O conceito adotado pelo IBGE (2010) manteve-se, basicamente, com as mesmas definições desde o censo de 1984, até chegar ao conceito adotado no último censo brasileiro. Seja como for, a verdade é que não existe uma única definição generalizada de família⁸. Nessa pesquisa, o estudo da família hegemônica será abordado enquanto construção sociocultural, assim como sexualidade, gênero e gerações perpassarão por essa mesma interpretação.

⁸ De acordo com Giddens (2004, p. 175), família é um “grupo de pessoas unidas diretamente por laços de parentesco, no qual os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças”. No entanto, nem todos os autores convergem para essa definição.

1.1.1 Formações familiares na contemporaneidade

Nas últimas décadas, “a evolução das sociedades hegemônicas deu origem às chamadas novas formas de família” (AMARO, 2006, p. 71), que, ao se aliar, substituir e se agregar a outras formas antes existentes, dão um novo significado e resultam em novas formações familiares que se legitimam nos dias atuais.

Como apontado anteriormente na trajetória histórica ocidental, nem sempre a família foi organizada como hoje, tanto em seu interior quanto na relação com a sociedade. De acordo com Ariès (2006), a família que antecede o século XV estava fundada apenas na reprodução e tinha como propósito oferecer condições para a reprodução cotidiana e geracional dos seres humanos. De acordo com o autor, nessa época, pouca e até mesmo nenhuma importância se dava ao sentimento nas relações. A família existia apenas como um agrupamento em torno da linhagem, e o sentimento relacional surgiu em substituição ao “sentimento de linhagem”, em decorrência da organização do grupo familiar em torno do casal conjugal.

A esse respeito, o autor pontua que:

Só assistimos o nascimento e desenvolvimento da família a partir do século XV. Anterior a esse período, a densidade social não deixava lugar para a família. Não que a família não existisse como realidade vivida: seria paradoxal contestá-la. Mas ela não existia como sentimento ou como valor (ARIÈS, 1981, p. 191).

Corroborando com Ariès, Roudinesco (2003) considera que a perpetuação familiar dessa época também se fazia apenas pela transmissão do nome, da linhagem e do patrimônio. Para a autora, o marido/pai ocupava um papel central em sua estrutura, configurando-se com um poder inquestionável e totalitário sobre a mulher e os descendentes. As ações do patriarca nunca eram contestadas e sua autoridade prevalecia até mesmo sobre a autoridade do Estado, desde que unido em torno de um único objetivo que era a conservação dos bens por meio da prática de um ofício comum (ARIÈS, 2006).

Nessa época, a transmissão geracional dos bens e dos recursos financeiros era feita apenas pelo nome, o que permitia, aos descendentes, uma identidade e uma marca familiar. Ariès, ao analisar o perfil da família ocidental, constata que pouca importância se dava ao sentimento construído nas relações, ou seja, o afeto não era condição para unir um casal. Não existiam escolhas e cumplicidade. As mulheres não opinavam sobre o casamento.

Todas as decisões relacionadas à família eram tomadas, exclusivamente, entre os patronos da família. Mas, aos poucos, esse quadro foi se alterando: a importância dada à linhagem com a integridade do patrimônio e a permanência do nome como condição à perpetuação da família foi gradativamente cedendo espaço às relações embasadas no afeto, o que possibilitou, aos seus membros, vivenciar a intimidade.

No entanto, só a partir do século XVI é que efetivamente a sociedade ocidental começou a vivenciar o processo de nuclearização da família acompanhado do processo de individualização. A família passou a ser considerada com uma instituição privada, construindo, dessa forma, uma identidade. Ariès (1981) faz uma associação entre o nascimento da família moderna e as mudanças ocorridas no final dos séculos XVII e XVIII. Para ele, o sentimento de família é oriundo do pertencimento de classe proveniente da burguesia. Nas palavras do autor:

A procura da intimidade e as novas necessidades de conforto que ela suscitava acentuavam ainda mais o contraste entre os tipos de vida material do povo e da burguesia. A antiga sociedade concentrava um número máximo de gêneros de vida num mínimo de espaço, e aceitava – quando não procurava – a aproximação barroca das condições sociais mais distantes. A nova sociedade, ao contrário, assegurava a cada gênero de vida um espaço reservado, cujas características dominantes deviam ser respeitadas: cada pessoa devia parecer com um modelo convencional, com um tipo ideal, nunca se afastando dele, sob pena de excomunhão. O sentimento de família, o sentimento de classe e talvez, o sentimento de raça surgem portanto como manifestações da mesma intolerância diante da diversidade, de uma mesma preocupação de uniformidade (ARIÈS, 1981, p. 279).

O advento do capitalismo e da industrialização nos países europeus no século XIX resultou em muitas mudanças de valores, dos hábitos e costumes sociais da época, o que nos leva a pensar nas mudanças de perfil da família nuclear vigente e, principalmente, o papel ocupado pelas mulheres na sociedade ocidental. Essas mudanças, a nosso ver, se acentuaram ainda mais no século XX e se consolidaram após a Primeira Guerra Mundial, quando as mulheres começaram a se inserir efetivamente dentro de espaços variados, seja na família, na escola, igreja, nos movimentos sociais, no mercado de trabalho, enfim, na vida em sociedade, conquistando vários direitos e deixando de ser meras coadjuvantes no processo familiar.

No Brasil, nas últimas décadas do século XX, quando o país apresentava um significativo crescimento na economia, em razão do avanço e crescimento da industrialização no país, presenciamos um dos fatos mais marcantes na sociedade brasileira, que foi a inclusão das mulheres no mercado formal de trabalho. Nos centros urbanos predominava a família nuclear, porém, com as mudanças que o mundo ocidental estava vivendo, as relações conjugais encontravam-se cada vez mais fragilizadas e em declínio. A esse propósito, Alves-

Pinto (2003, p. 30) afirma que “a família alargada, vivendo debaixo de um mesmo teto, quase desapareceu; a família nuclear em muitos casos deu lugar a famílias monoparentais ou famílias reorganizadas”. Para Roudinesco (2003), a trajetória evolutiva familiar compreendida entre os séculos XVI e XVIII perpassa por diferentes realidades até chegar ao modelo nuclear atual, predominante no Ocidente. Para tanto, a autora caracteriza as famílias em três diferentes períodos: o primeiro é a família “tradicional”, submetida à autoridade patriarcal, sob a égide de um mundo imutável; o segundo período, representado pela família “moderna”, que é imbuída numa lógica afetiva, sob divisão de poderes, entre Estado e pais; e, finalmente, a família “contemporânea” ou “pós-moderna”, que valoriza a vida privada e as recomposições conjugais. O importante é salientar que, independentemente das nomenclaturas usadas, as transformações vão acontecendo diferentemente em cada tempo e lugar.

Apresentando uma análise diferente de Roudinesco (2003), Singly (2007) defende a autonomia pessoal como elemento imprescindível para que haja a transformação da família contemporânea. Segundo o autor, a história da família é dividida em apenas dois importantes momentos. O primeiro, descrito de “primeira modernidade”, inicia-se no século XIX e finaliza-se na década de 1960. Já o segundo momento, conhecido por muitos como “contemporaneidade ou segunda modernidade”, se estendeu da década de 1960 até o período atual. De acordo com o autor, na primeira modernidade, a família se formava a partir do casamento baseado nos ideais do amor e com uma divisão do trabalho bem definida entre os pares. Ao marido, era delegado o papel de provedor, e, à esposa, cabia a responsabilidade dos trabalhos domésticos e da educação dos filhos.

Na década de 1960, esse perfil familiar começou a entrar em declínio. A redução do número de casamentos convencionais, o aumento das uniões livres, o aumento dos divórcios e das separações, o crescimento de famílias monoparentais e/ou recompostas, a redução da taxa de natalidade e o aumento do trabalho assalariado das mulheres evidenciaram mudanças na organização familiar. Entretanto, o que marcou efetivamente a segunda modernidade, para Singly (2007), foi a demanda de autonomia e de independência individual. Com isso, as relações passaram a ser regidas pelas necessidades afetivas individuais e não mais apenas por valores morais. Dessa forma, outros arranjos familiares vão surgindo, como, por exemplo, as uniões livres e consensuais, que começam a oferecer mais “vantagens” que os casamentos tradicionais que estão presos a papéis pré-determinados social e culturalmente. Para Singly (2007), essas mudanças são resultados de uma transformação na vida privada, iniciada desde a metade do século XVIII, período em que o amor entre o casal e o amor entre pais e filhos tornava-se possível enquanto valor social.

Giddens (2004) considera que o perfil nuclear da família tradicional ocidental entra em declínio por volta de 1950 (dez anos depois do período apontado por Singly, 2007), o que possibilitou a ascensão de outros arranjos. Nesse momento, considerado por ele como um período de transição, a família já se estruturava baseada no afeto. O autor busca caracterizar as relações familiares na contemporaneidade, compreendendo a transformação de suas relações afetivo-sexuais a partir do seu conteúdo igualitarista. Para Giddens (2004), essa transformação implica em reelaborar a intimidade dos homens e das mulheres, construindo uma identidade própria. A construção dessa identidade significa, então, romper com uma ordem emocional que garante ao sexo masculino a soberania no relacionamento, implicando numa autonomia individual. Conseqüentemente, inicia-se um processo de individualização.

Para o autor, o individualismo, pautado na autonomia e na independência, é a base da reconstrução das solidariedades, que são exigências da contemporaneidade. Com tal afirmação, Giddens (2004) critica o individualismo enquanto valor desagregador e egoísta.

Sob esse aspecto, Singly (2007) apresenta uma interpretação que se aproxima da defendida por Giddens, ao afirmar que a família é considerada simultaneamente e paradoxalmente como relacional e individualista, e que existe um ponto de tensão entre esses polos. Nessa tensão, seriam construídos os laços familiares, sustentados pelo amor. Aqui, percebe-se que, para o autor, o elemento central familiar passa a ser o indivíduo e não mais o grupo familiar. Todas essas mudanças no âmbito familiar influenciam na sua estrutura, no seu funcionamento interno e, conseqüentemente, alteram a composição dos laços existentes.

Nesse sentido, diversos teóricos têm demonstrado que muitas transformações foram inauguradas com a introdução do amor na instituição familiar (ARIÈS, 1981; GIDDENS, 2004; SINGLY, 2007). Assim, conforme Singly (2007), as transformações acontecem a partir do momento em que se pode observar a transição de uma instituição familiar definida, sobretudo, pela transmissão do patrimônio econômico e cultural, para uma família pautada, principalmente, pelo seu conteúdo relacional. Conseqüentemente, tem-se a priorização de laços de afinidade, caracterizada pela autonomia de escolha individual, em detrimento dos laços institucionais, nos quais as escolhas eram baseadas, prioritariamente, em critérios objetivos e definidas a partir de atributos, como classe social e status. Para Singly (2007, p. 15), esse novo momento familiar marca “a instauração de um compromisso entre as reivindicações dos indivíduos em se tornarem autônomos e seus desejos de continuar a viver, na esfera privada, com uma ou várias pessoas próximas”. É importante ressaltar que essa nova forma familiar descrita pelo autor como individualista e relacional não abole a família priorizada nos laços institucionais. Ao contrário, ela surge como uma extensão, na medida que

dá maior ênfase ao amor como a condição e justificativa de união entre as pessoas. Além disso, o que determinará a permanência ou a instabilidade nessas relações marcadas pelo amor e pelo desejo será o processo de individualização. Nesse processo, a sociedade moderna vem encontrando maneiras diferentes de estabelecer as relações afetivas.

Outro autor que discute as transformações vivenciadas na família nas últimas décadas é Bauman (2004). Segundo ele, vivemos numa era fluida, num tempo líquido, em que não existe mais espaço para a solidez, visto que ela dificulta as mudanças relacionais. Num mundo imediatista e frágil, os seres humanos se constituem precariamente. A fluidez da modernidade, segundo Bauman (2004), se revela pela vulnerabilidade, instantaneidade e efemeridade das relações humanas. O processo de individualização torna os relacionamentos mais fluidos, pois algumas características dos tempos atuais têm dado ênfase à possibilidade de um indivíduo viver sem depender do outro. E a ideia do outro como objeto de prazer, em detrimento de sua individualidade, produz o que este autor chama de “amor líquido”. Essa concepção diz respeito à noção de aproveitar os prazeres de um relacionamento tentando evitar os momentos difíceis. Segundo o autor, o outro passa a ser tratado como um objeto de consumo e julgado pelo volume de prazer que tem a oferecer. Essa concepção diz respeito à noção de aproveitar os prazeres de um relacionamento tentando-se evitar os momentos difíceis. É uma forma de relacionamento em que “se entra pelo que pode ganhar e se continua apenas enquanto ambas as partes imaginem que estão proporcionando a cada uma, satisfações suficientes para permanecerem na relação” (BAUMAN, 2004, p. 111). Dessa forma, na sociedade moderna, a durabilidade das relações está vinculada à satisfação plena dos indivíduos na busca de algo novo e diferente, e não mais como um objetivo ou meta a alcançar. Assim, as mudanças cada vez mais rápidas apresentam-se como características mais marcantes desses tempos atuais.

Por mais que sejam diferentes os conceitos e as definições que encontramos na literatura sobre a família, existe uma congruência na ideia de ser uma instituição mediadora entre o indivíduo e a sociedade, que sofre influência, não só das condições econômicas, sociais, culturais e/ou demográficas, como também tem a capacidade de influir na sociedade.

1.1.2 A mulher na família brasileira contemporânea

No Brasil, a história da família contemporânea se entrelaça com a história das mulheres e das novas concepções sobre a infância e a adolescência. Ao final do século XX, mais precisamente, a partir do final da década de 1980, quando o país vivia um processo de redemocratização pós-ditadura civil-militar e se iniciou uma ampla mobilização social pela afirmação dos direitos civis e sociais dos cidadãos, do ponto de vista da família, podemos citar dois grandes marcos. O primeiro, a Constituição Federal de 1988, que alterou, entre outros aspectos, o estatuto jurídico de homens e mulheres no laço conjugal, quando rompeu com a figura do chefe da família; e o segundo marco, que se deu pela retirada da diferenciação de legitimidade entre filhos gerados dentro e fora do casamento formal. Essa decisão foi referendada em 1990, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)⁹.

A esse respeito, Sarti (2008) explica que a abolição da chefia conjugal exercida pelo homem torna, na sociedade conjugal, homens e mulheres iguais em direitos e deveres. Ao compreendermos a família como um sistema, percebemos que as mulheres e seus filhos ganharam espaço, o que alterou os arranjos familiares já existentes e proporcionou a construção e consolidação de tantos outros, como, por exemplo, a família monoparental e a chefiada por mulheres. Essas novas famílias reconstituídas não são retrospectivas do antigo modelo hierárquico. Ao invés disso, aproximam-se, cada vez mais, de um modelo de relações igualitárias entre gêneros e gerações. Mas, independentemente das múltiplas maneiras de se organizar, de se conceituar e de se constituir enquanto família, essa instituição possui um papel de socialização importante e primordial na vida e na sexualidade das pessoas. É importante, então, entendê-la como um espaço de construção do desejo, de iniciação dos afetos e de todo um aprendizado que esses afetos podem trazer para seus componentes, importantes na construção da sexualidade. Norteada pelo contexto sócio-afetivo-cultural e traduzida como um conjunto de atitudes, de impulsos e de ações, visando estabelecer a relação com o outro, é que se sustenta a produção dos aspectos relativos à sexualidade das mulheres do distrito de Antônio Pereira nessa pesquisa.

⁹ O ECA, promulgado em 1990, preconiza que as crianças e os adolescentes são sujeitos de direitos e alvos prioritários de proteção integral. Entre os direitos das crianças e dos adolescentes, está o da convivência familiar e comunitária.

1.2 Sexualidade: uma construção histórica

A Organização Mundial da Saúde (OMS), desde 2002, referencia a sexualidade ao processo de construção das relações sociais, experimentada por meio de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, condutas e práticas. Essa abrangência também ganhou sentido no seguimento dos movimentos feministas dos séculos XIX e XX, que colocavam, sob júdice, o determinismo biológico que utilizava a ideia de sexo associada exclusivamente à reprodução. Nesse contexto, a polêmica sobre a relação entre biologia, que tem como base a representação da espécie em macho e fêmea, contrapõe-se às representações das funções sociais atribuídas ao homem e à mulher em nossa cultura. A sexualidade das mulheres do distrito de Antônio Pereira estudadas nesta dissertação está inserida em um domínio onde uma geração busca autonomia em relação à outra e em relação à sua família.

A história da sexualidade vista como construção e produção social aponta para importantes mudanças no comportamento sexual e no significado que lhe atribuímos. Nessa perspectiva, cada sociedade em cada momento histórico caracteriza as práticas sexuais de maneiras diferentes, levando em consideração o contexto em que está inserida. Por isso não se pode abordar aspectos relativos à sexualidade sem situá-la no tempo e no espaço. É imprescindível essa contextualização.

Ao adotarmos a perspectiva Foucaultiana da sexualidade, buscamos compreender a constituição discursiva de sexualidade do sujeito, como um projeto de produção dos desejos e objetos, considerando que a sua dimensão humana não é natural e nem universal em sua forma de expressão. A sexualidade, enquanto produto de construção social, resulta da interação do mundo interno e externo, da subjetividade e da organização social. Sendo algo a mais do que simplesmente o corpo biológico, a fisiologia e a morfologia do corpo proporcionam as condições prévias para a sexualidade humana, mas não governam as formas de expressão e as experiências da sexualidade.

O conceito de sexualidade aqui descrito traz, como referência, crenças, comportamentos e relações socialmente produzidas em Antônio Pereira e historicamente modeladas, que se relacionam com o que Foucault (2010) denominou de “corpo e seus prazeres”. O corpo, na obra do autor, aparece como um composto de forças que se encontra em constante embate, se apresentando como um campo sobre o qual se operam diferentes dispositivos.

Por dispositivos, entende-se:

... um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas [...], o dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2007, p. 244).

Dessa forma, o conceito de sexualidade, em Foucault (2007), diz respeito a uma construção social, a uma formação discursiva com dispositivos que o regulam, sendo estabelecido por discursos sobre sexo que irão legitimar suas práticas.

Ao longo da história, a atividade sexual sempre foi objeto de preocupação moral e, como tal, submetida aos dispositivos de controle das práticas e dos comportamentos sexuais. Como esses dispositivos são construídos com base nos valores e ideologias predominantes na sociedade, eles assumem formas diferentes à medida que a sociedade muda. Dessa forma, baseado no pensamento de Foucault, é possível supor, que é a sociedade e a cultura que designam se determinadas práticas sexuais são apropriadas ou não, se são morais, imorais, saudáveis ou patológicas. Para este autor, a história da concepção de corpo e da sexualidade é a história dos sistemas de valores fundamentais em cada sociedade. Isso significa, então, que, nas relações de poder, os papéis delegados aos homens e às mulheres são caracterizados pelas variantes individuais e sociais envolvidas no comportamento sociocultural e pela instauração das regras e normas institucionais. E, nesse campo, a sexualidade.

... é um dos elementos dotados de maior instrumentalidade utilizável no maior número de manobras, podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias (FOUCAULT, 2007, p. 98).

Neste campo teórico, Butler (2003) corrobora com Foucault, ao afirmar que a sexualidade apresenta caráter discursivo, e que as normas que regulam o sexo dos sujeitos precisam de repetição e reiteração para que se materializem nos corpos. Com isso, a autora atenta para a importância de um significado que não apenas nomeia corpos e sexos, mas constrói, produz, faz corpos e sujeitos.

Outro autor que considera a sexualidade como construção social é Bozon (2004).

Para ele:

A sexualidade humana não é um dado da natureza. Construída socialmente pelo contexto cultural em que está inscrita, essa sexualidade extrai sua importância política daquilo que contribui, em retorno, para estruturar as relações culturais das quais depende, na medida em que “incorpora”, e representa. [...] A sexualidade é uma esfera específica, mas não autônoma do comportamento humano, que compreende atos, relacionamentos e significados [...]. A sexualidade não se explica pela própria sexualidade, nem pela biologia. A sociologia da sexualidade é um trabalho infinito de contextualização social e cultural que visa estabelecer relações múltiplas, e, por vezes, desconhecidas, dos fenômenos sexuais com os processos sociais, o que se pode chamar de construção social da sexualidade (BOZON, 2004, p. 14).

Buscando uma conexão com as múltiplas relações que envolvem os fenômenos sexuais e os processos sociais, na visão de Bozon (2004), os desejos e relações sexuais vão se estabelecendo por meio de improvisações que dependem dos cenários culturais. De acordo com seu pensamento, as condutas sexuais são produzidas a partir de experiências vividas, cujos saberes intervêm na produção de novas normas e condutas sexuais. Esse autor ainda afirma que os saberes e as práticas sexuais não possuem significados isoladamente. É preciso dar significado a eles, mas, para isso, deve-se conhecer o contexto sociocultural em que esses saberes e práticas se configuraram, se instituíram e se instauraram, a partir de regras que passam pelos campos individual e social, num processo contínuo de transformação. E, em Antonio Pereira, no processo em busca de um saber que dê significado à sexualidade, o elo de transformação está representado aqui, principalmente, pela 2ª geração das mulheres.

Nesse contexto, as mulheres marcam mudanças que, decodificadas pelas informações culturais, propiciam a construção de uma identidade de gênero. A história da mulher brasileira indica que as mudanças que têm acontecido e que estão voltadas, principalmente, para os campos relacionados ao trabalho, à maternidade e à sexualidade. Assim, o que se percebe no distrito de Antônio Pereira, é que há uma constituição diferente ao interpretar e dar significado ao que lhes é transmitido em relação à sexualidade. Percebe-se, ali, um aprendizado intergeracional. Dessa forma, podemos supor que a cultura no distrito, há uma desigualdade de poder, que abarca categorias ligadas aos aspectos relativos à sexualidade como gênero, escolha do(a) parceiro(a), educação e coeducação intergeracional.

1.3 Mulheres e condição feminina no Brasil

Na sociedade ocidental, as mulheres, durante séculos, estiveram inseridas em um universo de submissão ao homem.

Analisando a gênese das relações de poder entre homens e mulheres, percebe-se que a submissão feminina existe desde os povos nômades, quando a divisão social do trabalho era estabelecida como forma de organização do grupo. Às mulheres, cabia o cuidado dos filhos e do lar, enquanto, aos homens, ficava a responsabilidade de subsistência, quando se ocupavam prioritariamente das caçadas, por serem dotados, quase sempre, de uma força física maior. Essa divisão de atribuições reforça a ideia de que, à medida que as relações existentes entre masculino e feminino são relações em que a mulher se mantém subalternizada ao homem e ao domínio patriarcal. É importante mencionar que as conquistas femininas foram, sem dúvida, de grande visibilidade no último século, mas não se pode deixar de ressaltar que também estão inseridas em um contexto histórico.

Fazendo uma retrospectiva desse processo histórico, ao nos reportamos ao lugar das mulheres na sociedade e, mais especificamente, ao espaço ocupado por elas na instituição do casamento, observamos que, até o século XVIII, o matrimônio era considerado uma forma de negociação masculina e imposta, efetivada principalmente por laços de parentesco e de interesse econômico. Para Ariès (2006), deve ser considerado, nesse contexto, o poder patriarcal nas uniões. Para ele, tal poder era definidor quanto às intencionalidades das uniões e os casamentos arranjados eram uma forma de manutenção e expansão patrimonial. As grandes mudanças no casamento, segundo Ariès (2006), se iniciam com a modernidade. A valorização do amor individual, presente na ideologia burguesa, estabelece o casamento por amor, o amor-paixão, com o predomínio do erotismo na relação conjugal. Esse novo ideal de casamento impõe aos esposos que se amem ou que pareçam se amar e que tenham expectativas a respeito do amor e da felicidade no matrimônio.

Conforme mencionado anteriormente, nessa época, a mulher não tinha poder de opinar em quaisquer decisões familiares. Sua função se restringia, basicamente, aos cuidados com os filhos e às tarefas do lar. Somente a partir do século XIX, ela passou a ter representatividade na esfera doméstica, quando o matrimônio passou a ser realizado, na maioria das vezes, com base em laços afetivos. Para Giddens (1993, p. 54), o lugar construído e ocupado por elas tem sua origem no que ele denomina de “amor romântico; um amor essencialmente feminilizado”. Conforme mencionado, o amor romântico supõe uma

igualdade de envolvimento emocional entre duas pessoas, o que pressupõe uma possibilidade de estabelecer um vínculo emocional durável.

Para compreender melhor esse processo, Giddens (2001) relaciona a transformação da intimidade com sexo e gênero e a compara às relações de parentesco por considerar a relação feminina como uma relação embasada em direitos e deveres criados a partir dos laços biológicos e de casamento. Segundo o autor, as questões que envolvem sexualidade, intimidade e vida privada devem ser consideradas como pilares da construção do indivíduo no contexto da sociedade ocidental. Assim, as transformações na esfera da intimidade têm repercutido nas relações de gênero e nos desafios enfrentados cotidianamente pelas mulheres, com influência direta nas famílias, o que resulta em transformações no amor, no casamento e na sexualidade, principalmente na segunda metade do século XX. Segundo Giddens (2001), as novas formas de relacionamentos que foram surgindo a partir dessa “revolução sexual” dos anos 1960 têm como base a igualdade e os princípios democráticos, e afetaram e alteraram significativamente as representações do casamento. Nesse processo, a transformação da intimidade foi marcadamente influenciada pelas modificações na função das mulheres na família e na sociedade, uma vez que as mulheres tiveram um papel de revolucionárias emocionais da modernidade, como promotoras dessas mudanças.

Ao tentar compreender as relações de gênero, busca-se um melhor entendimento do processo de construção social baseado na diferenciação biológica dos sexos, expressa através das relações de poder e representada por normas e condutas esperadas para homens e mulheres em cada sociedade. Por esse viés, como representação de poder, delimitaram-se os campos de atuação para cada sexo, o que deu suporte não só à elaboração de leis, mas às suas formas de aplicação.

A partir dos autores trazidos nessa dissertação, pode-se constatar que, ao longo da história ocidental, a mulher sempre foi considerada um ser inferior, tanto do ponto de vista biológico como social. Para melhor compreender as mudanças ocorridas no papel que exercia em sociedade, é importante referenciar o lugar ocupado pelo homem ao longo de sua trajetória. É certo que o poder atribuído a ele, seja pelas suas funções paternas e/ou pelas representadas como cônjuge, esteve presente desde os primórdios da família. A partir de autores referenciados (FOUCAUT, 2007; ARIÈS, 2006), percebemos traços na história que confirmam uma desigualdade de poder, o que transformou as relações afetivas e sociais por meio de dispositivos de poder e de submissão.

No Brasil, os estudos sobre a mulher vão começar a ser delineados, basicamente, em meados da década de 1960, paralelamente aos movimentos feministas, engajados em

questionar os papéis sociais atribuídos a elas, que criticaram sua subordinação histórica aos homens e questionaram a naturalização das diferenças entre homens e mulheres. Sarti (2008), assim como outros autores trazidos nesta dissertação, considera que a década de 1960 é uma referência mundial quando se trata da história recente da família. Entre tantos marcadores das transformações da família, encontramos o advento da pílula anticoncepcional feminina, considerado, em nossa história, um marco na dissociação entre a vida sexual ativa e a reprodução. Além disso, ainda segundo a autora, o maior nível de escolarização das mulheres e sua afirmação no espaço público de trabalho possibilitaram:

... as condições materiais para que a mulher deixasse de ter sua vida e sua sexualidade atadas à maternidade como um destino, recriou o mundo subjetivo feminino, e aliado à expansão do feminismo, ampliou as possibilidades de atuação da mulher no mundo social (SARTI, 2008, p. 21).

Na busca por reconhecimento, as mulheres procuram alterar o panorama de submissão e subalternização através de lutas por igualdade de oportunidades, por respeito, liberdade de escolhas, direito ao seu próprio corpo, ao prazer e à sexualidade.

Contudo, a luta das mulheres brasileiras por maior liberdade, respeito e igualdade de gênero ainda não acabou. As raízes da desigualdade e de subalternização feminina são profundas. O passado escravocrata e colonial foi influência marcante na construção da identidade sexual no Brasil. Em uma apresentação cronológica realizada a partir da coleção e análise de material amplo e diverso sobre o assunto, Carmo (2011) oferece uma reflexão detalhada sobre a história do sexo no Brasil. O autor também toma, como marco definidor das principais mudanças correlacionadas com a visão da ocorrência de mudanças de padrões na sexualidade no país, a segunda metade da década de 1960. No entanto, de acordo com os estudos realizados, o autor considera que, no Brasil, somente a partir dos anos 1970 é possível mencionar que tais transformações começaram a ocorrer de forma mais acentuada.

O início de tais mudanças se deu, dessa forma, em meados do século XX, com um aumento da migração entre as regiões, sobretudo, do campo para a cidade. A urbanização foi acompanhada pela expansão dos espaços de sociabilidade e de mais oportunidades de trabalho para as mulheres. No entanto, as restrições de liberação sexual feminina permaneceram fortemente presentes. Nas décadas de 1940 e 1950, o tabu da virgindade era comum. Os homens resistiam a esposar mulheres que não fossem virgens, e o Código Civil permitia a anulação do casamento caso o marido fizesse tal constatação. Era grande o preconceito com as mulheres que viviam sob essa condição ou sob qualquer outra que desencadeasse a

separação de seus maridos. O estigma atingia aos filhos, que, por exemplo, tinham as matrículas recusadas em determinadas escolas.

Nos anos 1960, artistas sediados em grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo, ao relatarem suas vidas íntimas em livros ou matérias de jornais ou de revistas analisadas por Carmo (2011), deixaram transparecer comportamentos sexuais de algumas mulheres que começavam a se libertar da repressão sexual e do conservadorismo presentes na sociedade.

No resto do país, imperava o provincianismo. Citando o escritor Rubem Alves, Carmo destaca que as pessoas evitavam falar sobre sexo. Homens tinham vergonha de comprar preservativos nas farmácias e usar cabelos longos. As mulheres, do mesmo modo, se intimidavam para comprar absorventes. Elas eram impedidas de frequentar bares se estivessem desacompanhadas. Era comum, em escolas, até mesmo de Ensino Superior, a separação entre homens e mulheres.

Esse código moral sexual, segundo Carmo (2011) era, no entanto, contradito por obras literárias, como as de Nelson Rodrigues e do teatrólogo Plínio Marcos. O primeiro descreveu, em crônicas, a suposta intimidade que ocorria entre paredes na sociedade e que, ao mesmo tempo, chocava e provocava identificação entre os leitores. Já o segundo, escreveu sobre as formas nas quais o sexo era vivenciado nas celas de prisões, prostíbulos e bordéis entre os anos 1960 e 1970, com personagens que eram considerados a escória da sociedade.

Neste momento da história, no Brasil, também se sentiram as fortes influências da publicação dos primeiros trabalhos sobre a fisiologia sexual e sua incorporação aos currículos das escolas médicas americanas, a partir da década de 1960. Até essa década e nas seguintes, no Brasil, pouco se estudava sobre o tema nas escolas da área de saúde e a mulher, muitas vezes, era considerada feminina somente se fosse dócil, passiva e, no extremo, frígida.

Alguns marcos citados por Carmo (2011) são emblemáticos dessa mudança, tanto quanto as novelas foram para a sociedade americana: no final da década de 1970, a Rede Globo de Televisão, uma das mais influentes no país, veiculou o seriado “Malu Mulher”, no qual temas como virgindade, orgasmo feminino e divórcio, começaram a ser discutidos em cadeia nacional pela ótica feminina, pelas personagens, a mãe descasada e a filha adolescente. Nas décadas seguintes, outro programa de televisão se destacou, nessa mesma rede, na discussão da sexualidade. Trata-se do “TV Mulher”, no qual a sexóloga Marta Suplicy respondia cartas de telespectadores que abordavam diferentes temas, de forma aberta e inovadora.

Segundo Carmo (2011), é possível perceber, no entanto, que essa visão se restringia a uma pequena parcela da população que falava em derrubar as barreiras na busca do prazer sexual, contraponto que se justifica pela pesquisa, descrita por ele e que foi realizada pelo Grupo Ceres, ligado à atuação feminista no Rio de Janeiro, nos anos de 1978 e 1979. Nos resultados, se encontram depoimentos de mulheres que demonstram desconhecimento do corpo, desde como ocorria a menstruação até o ato sexual. Do mesmo modo, a pesquisa de Muraro (1983), publicada no livro *Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe sexual no Brasil*, mostra a coexistência de diferentes padrões de comportamento sexual e de tratamento do corpo, diretamente relacionados às classes sociais. Como relata a autora, as camadas médias da sociedade eram menos preconceituosas do que as demais. Nas cidades, a queda do tabu da virgindade e a aceitação do aborto eram mais presentes. Amor e prazer não estavam mais tão dissociados e já se aceitava mais o homossexualismo¹⁰. Nas áreas rurais e nas periferias urbanas, relatos e depoimentos demonstravam a persistência de um domínio de gênero que subjugava as mulheres às heteronormas. Um aspecto claro e marcante em relação ao Brasil é, pois, essa clivagem que se apresenta em todo o texto de Carmo (2011) entre diferentes contextos sociais, o que diferenciava suas práticas sociais.

Essas diferenças são responsáveis pela vigência de um padrão duplo na sexualidade brasileira, conforme esclarece Carmo (2011), em uma de suas conclusões, ao reafirmar a possibilidade do liberalismo sexual brasileiro restringir-se a uma camada de pessoas mais escolarizadas, que residem nos grandes centros urbanos ou em capitais, e a mulheres que tinham ou têm possibilidade de trabalhar fora de casa. Nas faixas populacionais de baixa escolaridade, persistem os traços de opressão sexual tradicionais. Além disso, também se vislumbraram mudanças com a introdução da pílula anticoncepcional e do advento do “amor romântico”, relatado por Giddens (1993) e por Bozon (2006). No entanto, de acordo com Carmo (2011, p. 376):

A maioria das mulheres em nosso país manteve a expectativa de que o homem fosse um conhecedor da atividade sexual [...]. Há, pois, uma opressão que recai sobre os dois sexos, envolvendo não apenas as mulheres (o recato), mas também os homens (contar vantagens).

¹⁰Maria Berenice Dias, jurista brasileira, reconhecida internacionalmente por sua defesa da família, da mulher e da sociedade, transformou o entendimento de família, ao criar o termo “relações homoafetivas” isto é, de relações entre pessoas do mesmo sexo, baseadas no afeto, em substituição do termo “homossexualismo”, que é mais medicalizado.

Desse modo, sua visão se aproxima da de Bozon (2006), que mostra que o esperado liberalismo sexual advindo da revolução nos costumes observada nas últimas décadas do século XX manteve a especialização entre os gêneros, relegando o prazer sexual feminino a um segundo plano.

Um aspecto crucial e específico, tratado por Giddens (1993), se refere à zona de conflito que se estabeleceu entre os sexos, a partir do momento em que as relações passaram a ser objeto de uma negociação, no qual as mulheres também fazem as suas escolhas. Diante da dificuldade dos homens em serem preteridos, criam-se situações até mesmo de violência. No caso brasileiro, a luta das mulheres tem sido intensa nesse enfrentamento, muito mais do que são referidas nas sociedades norte-americana e europeia. Na década de 1970, por exemplo, no auge da suposta “revolução sexual”, a sociedade brasileira assistiu a uma onda de crimes associados aos conflitos de padrões de sexualidade e comportamento, que vem se perpetuando até hoje, apesar das políticas públicas voltadas para seu enfrentamento. Em 1980, em reação a uma série de oito assassinatos de mulheres por seus companheiros, no Estado de Minas Gerais, surgiu um movimento que alcançou repercussão nacional. Conhecido como “Quem ama não mata”, foi um dos responsáveis pela redução da tolerância da sociedade com relação à opressão imposta à mulher pelos que declaravam que a morte de mulheres em “defesa da honra” masculina seria justificável.

Em síntese, no caso brasileiro, segundo Carmo (2011), embora tenham ocorrido, ao longo dos últimos 50 anos, mudanças muito significativas nas mentalidades de homens e mulheres, é flagrante a dicotomia que instaura um padrão de comportamento voltado para os setores populares, fazendo com que os preconceitos e distinções de classe se evidenciem.

1.4 Reflexões sobre as gerações

Com o objetivo de subsidiar a análise dos dados referentes às mudanças no comportamento sexual das mulheres em estudo, trouxemos, para o trabalho, uma reflexão sobre as transmissões geracionais e o processo coeducativo que decorre da relação entre as gerações. Assim, nesta seção, a proposta principal é tecer uma discussão sobre os conceitos de geração e de relações intergeracionais, para buscar uma compreensão mais aprofundada da realidade a partir da literatura sobre o tema.

Atualmente, no Brasil e no mundo, assiste-se a novos arranjos e rearranjos familiares, bem como a convivência mais prolongada entre as gerações. Tais mudanças têm resultado, em muitos casos, numa tensão entre os valores individuais e os valores da hierarquia familiar. A transmissão de valores e de conhecimentos de uma geração para outra propicia um aprendizado coletivo e tais trocas oferecem novos conhecimentos capazes de modificar modelos antigos, o que possibilita uma conexão entre o tradicional e o novo. Contudo, ainda são frequentes as tensões que surgem entre aqueles que defendem as antigas práticas e os que buscam as novas propostas de mudança.

As diferenças entre cada fase do ciclo de vida pela qual os seres humanos passam, seja a infância, a vida adulta ou a velhice, apresentam significados diferentes em cada cultura, dependendo do contexto social inserido. No Ocidente, por exemplo, há uma tendência em se associar a adolescência e a velhice como etapas marcadas por “crises” de diferentes fases da vida. Barros (2006) atribui, a essas fases, marcas da trajetória individual que vão construir significados diferentes, desenvolver sentidos e práticas próprios para cada etapa e para cada passagem de um período para outro da vida. Compreende-se, então, que, num processo de vivência e interpretação de cada fase, é que construímos as relações intergeracionais, bem como os valores básicos individuais e sociais.

Recentemente, as questões relacionadas ao tema “geração” têm adquirindo maior importância, principalmente a partir do aumento de expectativa de vida populacional e das mudanças demográficas nas sociedades ocorridas em diversas partes do mundo¹¹. No Brasil¹², por exemplo, tem sido muito comum encontrar famílias nas quais coexistem três, quatro e mesmo cinco gerações. Para Barros (2003), essas mudanças históricas e culturais vão dar margem a conflitos entre as gerações, o que vai requerer constantes negociações entre elas.

Em uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro, em 1980, por Barros (2003), a autora percebeu um movimento intergeracional familiar. Nas relações entre avós, filhas e netos, surgiram, inevitavelmente, questões com o cuidado mútuo, com interferências das gerações mais velhas nas questões educacionais das gerações mais novas, e dessas nas decisões da vida cotidiana das mulheres mais velhas. Assim, percebemos que aconteceram trocas com direções contrárias à transmissão de normas e dos valores entre as gerações.

¹¹ Por exemplo, na Alemanha, onde a mudança demográfica já está bem mais avançada, existe, há 10 anos, um projeto do Ministério Federal para Família, Idosos, Mulheres e Juventude, que coleciona e divulga projetos intergeracionais como contribuição para uma sociedade de todas as idades (DOLL, 2012).

¹² Camarano (2013) mostrou que a expectativa de vida do brasileiro cresceu em 5,3 anos no período de 1994 a 2010, passando de 68,1 anos para 73,4 anos. Essa mudança de perspectiva foi acompanhada de melhorias nas condições físicas e mentais das pessoas consideradas idosas e por uma participação maior delas na sociedade.

Tais tensões, conflitos e apoios entre as diferentes gerações não são descobertas recentes. Já na década de 1920, o sociólogo Karl Mannheim apontava para as diferenças entre as gerações. Sua obra tornou-se referência na área e, hoje, para se discutir sobre o tema, devemos nos referenciar sua obra, escrita em 1928 e intitulada de *O problema das gerações* (*Das Problem der Generationen*).

Ao conceituar gerações, Mannheim (1928) acentua o sentido histórico, através do pertencimento a uma geração sem que haja uma determinação do ano de nascimento. Isso significa que o que marca as gerações são as vivências coletivas, o compartilhamento de experiências e a representação de fatos e dos momentos históricos. No entanto, apenas a presença de um momento histórico-social não é suficiente para desenvolver uma perspectiva ou visão de mundo comum entre indivíduos de idades próximas. Segundo Mannheim (1928), é preciso existir uma conexão geracional entre os mesmos, ou seja, um tipo de participação em uma prática coletiva, seja concreta ou abstrata, que produza um vínculo geracional a partir da vivência e da reflexão coletiva em torno dos mesmos acontecimentos.

Motta (2010), com base em Mannheim (1928), define gerações em vários momentos e etapas de desenvolvimento, sempre acentuando o seu sentido histórico, que permeia a vida dos indivíduos que compartilham experiências próximas, o que significa uma predisposição para uma modalidade específica do viver e do pensar, uma modalidade de intervenção do processo histórico. Ainda segundo Motta (2010, p. 175), “geração representa a posição e atuação do indivíduo em seu grupo de idade e/ou de socialização no tempo”. A partir dessa proposta de análise da autora, podemos enumerar categorias, como idade, experiências comuns e a atuação no grupo etário, que, imbricadas entre si, revelam que a categoria geração figura como uma dimensão precursora de análise da vida social.

Compreende-se, então, que as gerações têm uma composição etária e também espacial e social. Por isso, pertencer a uma geração implica em receber influências diretas e indiretas do meio e do tempo histórico em que o indivíduo vive. Complementando essa interpretação, Vitale (2002, p. 91-92) afirma que “as gerações são portadoras de história, de ética e de representações peculiares do mundo e as relações intergeracionais compõem o tecido de transmissão, reprodução e transformação do mundo social”.

Ainda na compreensão de que o conceito de gerações é composto por uma dimensão concreta e outra subjetiva, Domingues (2002) defende que a idade cronológica, ou simplesmente em termos da “ordem de nascimento”, aparece como fundamental para as estruturas familiares e geracionais. Contudo, essa “ordem” pode estar em tensão com a ordenação social por estágios de maturação, o que implica em entraves para o desempenho

das funções demandadas para cada geração, na dinâmica familiar. Mesmo que a família seja central para a definição de geração, Domingues (2002, p. 74), assinala que

... não é possível reduzir à compreensão das gerações e à sucessão biológica e sociocultural aos processos que se relacionam direta e único e exclusivamente com a célula familiar, não obstante a possibilidade de estender princípios para o conjunto da sociedade por intermédio das relações de parentesco.

Logo, esse conceito envolve múltiplas variáveis, indo desde a posição social no grupo etário/de socialização, idade, partilhas sociais e históricas entre os indivíduos à forma como se conectam ou não em torno de determinado acontecimento histórico. Outra dimensão que envolve a concepção de geração, e que não foi abordada diretamente por Mannheim (1928), diz respeito ao âmbito familiar ou às relações de parentesco. De acordo com Tomizaki (2010, p. 338), “uma geração familiar é filha de seus pais, uma geração social é, por sua vez, filha dos seus anos de formação, filha do seu tempo e de sua idade”.

A discussão sobre gerações trazida pelos autores abordados nesse trabalho nos permite perceber que as diferentes gerações presentes nas famílias se relacionam diretamente com as gerações sociais, isto é, com o meio em que as pessoas vivem e com as experiências que vivenciam. Assim sendo, mesmo que a ligação entre os membros de uma geração familiar seja decorrente de laços de parentesco, os indivíduos não deixam de se vincular a outros grupos e instituições, quer seja na escola, no trabalho, na igreja, nas associações esportivas ou em outros espaços. Dessa forma, além da transmissão da memória familiar, há também a influência do território e da moradia, da posição no grupo e da religião, de visões de mundo, de modelos de parentesco, de união etc.

Assim, mesmo se reconhecendo a força identitária do grupo familiar e do meio em que o indivíduo vive, é importante ressaltar que existe um movimento geracional com dimensões sociais mais amplas, isto é, esse indivíduo não está preso ao contexto no qual está inserido, pode acatar ou recusar modelos, valores e comportamentos que lhes são transmitidos, ou ainda, conciliá-los com modelos propostos por outras gerações.

Também é relevante destacar que essa perspectiva relacional constitui-se também num dos parâmetros fundamentais de análise da tentativa de se compreender a formação de gerações diferentes e como ocorre o relacionamento entre elas. Nesse contexto, citamos Bourdieu (1983, p. 122), quando afirma que “somos sempre o jovem ou o velho de alguém”. Em outras palavras, ninguém é jovem ou velho senão em relação àqueles que o reconhecem e que são reconhecidos enquanto tal.

Dessa forma, a partir da literatura sobre o tema, é importante compreendermos as dimensões implicadas no processo de estabelecimento dos vínculos geracionais, tanto no âmbito familiar quanto no social, para analisarmos as continuidades e as discontinuidades do aprendizado da sexualidade das três gerações de mulheres do distrito em foco nessa pesquisa.

Finalizando, no Capítulo 1, procuramos trazer uma reflexão sobre os temas-chave para a compreensão do problema de pesquisa – família, sexualidade e gerações –, com a finalidade de construirmos o aporte teórico-metodológico necessário para a compreensão do objeto de pesquisa bem como para a análise dos dados.

No Capítulo 2, a seguir, contextualizaremos o campo da pesquisa, trazendo algumas características de Antônio Pereira, a metodologia utilizada, bem como o perfil socioeconômico das mulheres envolvidas na investigação.

2 ANTÔNIO PEREIRA, UM DISTRITO SINGULAR: A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

Este capítulo tem como principal objetivo trazer ao leitor o percurso metodológico da pesquisa. Para isso, será exposta a metodologia escolhida e os critérios de seleção, coleta e análise dos dados.

Em um segundo momento, traremos informações que julgamos relevantes sobre o local pesquisado. Assim, serão descritos elementos da história do distrito, de sua economia e de sua configuração espacial e socioeconômica.

Em seguida, será feita uma caracterização das mulheres selecionadas para a pesquisa, por meio da apresentação de seu perfil socioeconômico.

2.1 Construção metodológica

Para essa pesquisa de cunho exploratório, utilizou-se a abordagem quantitativa e como técnica de coleta de dados, foi elaborado um questionário exclusivo, referenciado na pesquisa Gravad¹³ (2006). A aplicação do instrumento de coleta de dados foi feita pela pesquisadora, pela técnica de enfermagem e pelas agentes comunitárias do PSF de Antônio Pereira às mulheres selecionadas. A seleção das informantes se deu mediante consulta cadastral da Unidade Básica de Saúde (UBS), do Sistema de Informação da Atenção Básica¹⁴ (SIAB) e do e-SUS AT¹⁵, que é uma estratégia do governo federal para reestruturar as

¹³ O trabalho de pesquisa ocorreu de 1999 a 2006, e foi empreendido por uma equipe composta por profissionais do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, IMS/UERJ; do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, MUSA/ISC/UFBA; e do Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, NUPACS/UFRS e do Institut d'Etudes Démographiques, INED, França. Seu desenvolvimento contou com apoio da Fundação Ford, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior–CAPES (IMS/UERJ, 2006).

¹⁴ SIAB é um sistema (*software*) desenvolvido pelo DATASUS, em 1998, cujo objetivo centra-se em agregar, armazenar e processar as informações relacionadas à Atenção Básica (AB) usando, como estratégia central, a Estratégia Saúde da Família. Além disso, esse sistema é parte necessária da estratégia de Saúde da Família, pois contém os dados mínimos para o diagnóstico de saúde da comunidade, das intervenções realizadas pela equipe e os resultados socio sanitários alcançados.

¹⁵ e-SUS AT é uma estratégia do Departamento de Atenção Básica para reestruturar as informações da AB em nível nacional. Essa ação está alinhada com a proposta mais geral de reestruturação dos Sistemas de Informação em Saúde do Ministério da Saúde, entendendo que a qualificação da gestão da informação é fundamental para ampliar a qualidade no atendimento à população.

informações da Atenção Básica da Saúde. A partir de 2016, o SIAB foi totalmente substituído pelo e-SUS, no município de Ouro Preto.

O critério de seleção das mulheres (denominadas, nessa pesquisa, de 2ª geração) para responder ao questionário foram: possuir filha(s) adolescente(s)¹⁶ (3ª geração), que compreendessem as idades de 12 e 18 anos, que morassem com a mãe na mesma residência, e que tivessem as mães (1ª geração) morando no distrito estudado, independentemente de corresidirem com as respondentes.

A idade das primeiras e segundas gerações não foi delimitada, visto que essa limitação cronológica não interfere nos objetivos propostos da pesquisa. As gerações foram aqui referenciadas de acordo com a construção geracional apontada pelo referencial teórico utilizado, que não define gerações pelo ano de nascimento, e sim como um constructo social.

Essa escolha foi pautada no perfil do público adolescente assistido pela equipe de Saúde da Família do distrito de Antônio Pereira e por agregar um maior número de mulheres participantes na pesquisa. Assim, primeiramente, o levantamento da amostragem foi realizado a partir do cadastro populacional e familiar construído pela equipe de saúde, pautado nos critérios, diretrizes e normas estabelecidas pelo Ministério da Saúde. Com base nesses documentos, foram selecionadas todas as mulheres (2ª geração) que se encaixassem no perfil delimitado na pesquisa. A escolha da 2ª geração se deu pela interação, facilidade de acesso e aceitação dessas mulheres em contribuir para a pesquisa, e por serem a geração que frequenta assiduamente o posto de saúde.

Foram aplicados 71 questionários, o que representou todas as mulheres que atenderam ao critério de seleção. O instrumento foi composto por perguntas estruturadas e semiestruturadas para realizar um levantamento do perfil da população selecionada e investigar as continuidades, descontinuidades e as diferenças entre as próprias mulheres, a fim de contemplar o máximo de informações no alcance dos objetivos propostos na pesquisa. Para melhor adequação do instrumento aos objetivos propostos e para dirimir eventuais erros de

¹⁶As Ciências Sociais e os órgãos de regulação conceituam diferentemente a adolescência. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), os limites cronológicos da adolescência são definidos entre 10 e 19 anos (*adolescents*), e, pela Organização das Nações Unidas (ONU), entre 15 e 24 anos (*youth*), critério este usado, principalmente, para fins estatísticos e políticos. Usa-se também o termo jovens adultos para englobar a faixa etária de 20 a 24 anos de idade (*young adults*). Nas atuais normas e políticas de saúde do Ministério de Saúde do Brasil, os limites da faixa etária de interesse são as idades de 10 a 24 anos. A escolha da idade que delimitasse o público adolescente de Antônio Pereira se deu cronologicamente, baseada no Estatuto da Criança e Adolescente Brasileiro (ECA, 1990), que considera o limite de idade de criança, a pessoa até 12 anos de idade incompletos, e que define a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos (Art. 2º).

compreensão das questões pelas respondentes, foram aplicados, previamente, pela pesquisadora, três questionários-piloto.

Antes do início da coleta dos dados empíricos, foi realizada uma capacitação oferecida pela pesquisadora para a técnica de enfermagem e os agentes comunitários da unidade de saúde para a aplicação dos questionários. As mulheres foram convidadas a participar da pesquisa de forma espontânea e voluntária, mediante autorização por escrito via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Após a aplicação dos questionários, realizou-se a análise dos dados pelo programa *Epi info*, um *software* de domínio público criado pelo CDC (*Centers for Disease Control and Prevention*). Ele visa a atender o gerenciamento e a análise de bancos de informações individualizados e em constante renovação. Com a análise e o cruzamento dos dados obtidos no questionário, buscou-se obter diferentes visões no processo de socialização intergeracionais e investigar as implicações dessas relações na educação para a sexualidade. As mulheres selecionadas na pesquisa foram identificadas como elo entre três gerações, uma vez que a amostra foi composta por mulheres que viveram mudanças significativas na organização familiar e doméstica, decorrentes da nova organização familiar.

Isto posto, houve uma combinação de fontes:

- Bibliográfica: composta pelos textos, teses e dissertações e livros estudados sobre o tema;
- Documental: criada a partir dos dados coletados na Unidade da Saúde da Família de Antônio Pereira e da Prefeitura Municipal de Ouro Preto;
- Aplicação de questionários: formada por questionários aplicados com 71 mulheres do distrito que atenderam aos critérios de seleção.

Após a coleta dos dados, realizou-se uma análise das informações de questões consideradas mais relevantes para o alcance dos objetivos, com uma confrontação dos achados da pesquisa e buscando a interpretação ampliada do objeto de estudo e da unidade entre aspectos teóricos e empíricos (MINAYO, 2010).

De acordo com Gil (1999), o questionário permite ao pesquisador conhecer opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas etc. , e, para construí-lo, é necessário que os objetivos da pesquisa sejam transformados em questões específicas que atendam aos propósitos da investigação. As respostas a essas questões proporcionarão obter dados para testar hipóteses ou para esclarecer o problema da pesquisa.

Ainda para descrever sobre o procedimento de aplicação de questionários, Terribili Filho (2007) argumenta que, para a utilização de tal ferramenta de coleta de dados, deve-se considerar os aspectos de conteúdo, abrangência e comunicação.

Vale ressaltar que, inicialmente, a proposta dessa pesquisa era a de utilizar a abordagem quali-quantitativa, com o uso de recursos de questionário e de entrevistas. Contudo, por questões operacionais e devido ao volume de dados gerados com a aplicação dos questionários, optou-se por fazer, para essa dissertação, uma análise mais voltada para os dados quantitativos. Contudo, ressalta-se que, não se perdeu, com isso, a riqueza que as informações trouxeram sobre o cotidiano dessas mulheres de Antônio Pereira.

Posteriormente, em novas investigações, a realização de entrevistas que tomem, como ponto de partida, as análises aqui apresentadas, poderão abrir espaço para novas interpretações com o foco em aspectos mais subjetivos e representacionais, que, originalmente, não foram abordados nesta dissertação.

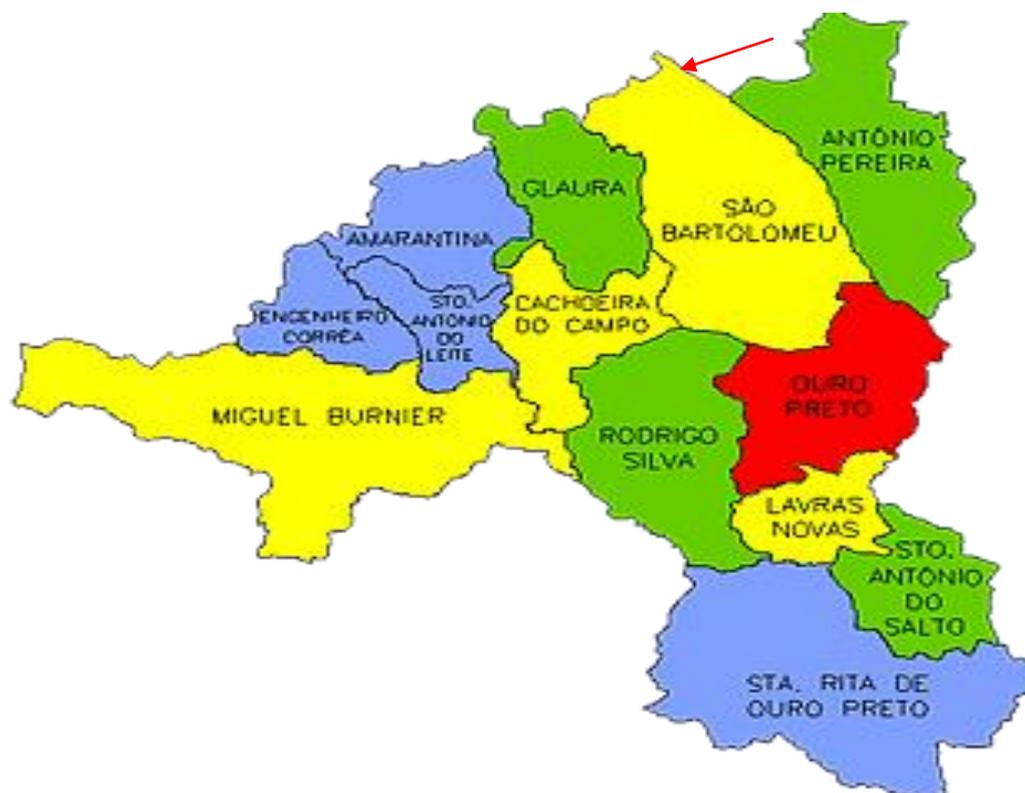
Conclui-se, portanto, que, em nossa pesquisa, a utilização do questionário como procedimento metodológico possibilitou construirmos os perfis socioeconômico e afetivo-sexual das famílias pesquisadas. Além disso, as questões foram formuladas de modo a captar as mudanças, continuidades e descontinuidades entre as diferentes gerações. Assim, pela análise resultante da confrontação das respostas obtidas e da triangulação das fontes, nos foi permitido apreender, o máximo possível, com o uso dessa técnica, o modo de ser e agir das mulheres investigadas em seu território.

2.2 Caracterização da localidade e dos sujeitos da pesquisa

Ouro Preto-MG é um município com extensa área territorial. De acordo com o último censo nacional (IBGE, 2015), o município possui uma população estimada em 74.356 habitantes, distribuídos em uma área de 1.245,865 km². Compõem seu território/cidade, doze distritos e uma sede. O distrito de Antônio Pereira, considerado um dos primeiros núcleos mineradores de Minas Gerais, está localizado a 9 quilômetros da cidade de Mariana, 16 quilômetros da sede de Ouro Preto e 130 quilômetros de Belo Horizonte (Figura 1). O distrito conta com uma população de, aproximadamente, 4.935 pessoas, num total de 1.570 famílias, segundo o cadastramento e acompanhamento da equipe local da Estratégia Saúde da Família, realizado no segundo semestre de 2016 (Anexo 3). Além dessa população residente, estima-se

uma população flutuante¹⁷ de, aproximadamente, 2.000 pessoas, composta majoritariamente por homens.

Figura 1: Mapa do município de Ouro Preto e seus distritos



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Ouro Preto (2016)

O campo de pesquisa limitou-se a um distrito com a maioria da população em situação de pobreza. Nesse território, as famílias, por vezes, marcadas pela precariedade social e pela desigualdade socioeconômica, nem sempre são reconhecidas em sua luta na busca de melhores condições de oportunidades. Ao contrário, o que se percebe é uma fragilidade que norteia todo o terreno de constituição familiar. Petrini (2003) afirma que à medida que a família encontra dificuldades para cumprir satisfatoriamente suas tarefas básicas de socialização e de amparo/serviços aos membros, criam-se situações de vulnerabilidade. A vida familiar, para ser efetiva e eficaz, depende de condições para sua sustentação e para manutenção de seus vínculos.

A história de Antônio Pereira é marcada pela mineração. Segundo os arquivos da Prefeitura Municipal de Ouro Preto (2016), em 1700, o bandeirante Antônio Pereira Machado

¹⁷ Pessoas contratadas pelas mineradoras da região para prestarem serviços específicos, por tempo determinado.

iniciou a exploração de ouro no local, e deu lugar o nome de Bonfim do Mato Dentro. Mais tarde, dirigiram-se para a região vários outros bandeirantes e, em Bonfim do Mato Dentro, foram fundadas diversas minas, como as do Romão, Mata-Mata, Macacos, Manoel Teixeira, Capitão Simão, além das fazendas do Barbaçal, Mateus das Moças e da Rocinha. Em 1716, foi dada a autorização para a fundação da primeira igreja, em louvor a Nossa Senhora da Conceição da Lapa. Em 1720, a igreja foi elevada à categoria de matriz e, em 1800, essa matriz sofreu um grande incêndio que destruiu grande parte de sua arquitetura e acervo.

Ainda de acordo com os dados da Prefeitura Municipal de Ouro Preto (2016), a economia da região sempre foi baseada na mineração. No período inicial da história do distrito, a economia se baseava na exploração e na manipulação do ouro que, posteriormente, veio a declínio, assim como em regiões próximas. Somente por volta de 1950 teve início o novo ciclo de mineração, agora com o minério de ferro, perdurando até a década de 1970, quando foi interrompido. Em 1984, descobriu-se que Antônio Pereira está assentado em grandes jazidas de minério de ferro e três grandes empresas instalaram-se no local: Vale, e suas consorciadas, Samarco e Samitri. Atualmente, essas três empresas são as principais fontes de trabalho para os moradores da região.

Além da população nascida na região, o distrito de Antônio Pereira acolhe muitas famílias, e, sobretudo, homens advindos de todas as regiões do país em busca de condições melhores de vida, mesmo após o desastre ocorrido em 2015, com o rompimento de uma barragem de rejeitos da mineradora Samarco. Essa população flutuante também costuma usufruir de todos os benefícios da saúde, educação etc. de Ouro Preto e Mariana.

Antônio Pereira apresenta sérios problemas ambientais, como esgoto a céu aberto, grandes áreas com água empoçada, rios e córregos contaminados por lixo e esgoto, lagoa destinada ao tratamento do esgoto residencial contendo lixo acumulado. Uma parte do distrito possui ruas pavimentadas, porém existem algumas ruas que ainda necessitam de pavimentação ou se encontram em necessidade de reparo, dentre elas, a rua e a região onde se localiza a UBS.

De acordo com os dados da UBS (2015), existem, aproximadamente, 1.320 casas com abastecimento de água pela rede pública, sendo que cerca de dez residências utilizam nascentes ou outras formas de abastecimento. Apesar de grande parte da água utilizada pela população ser tratada por um serviço da Prefeitura Municipal de Ouro Preto, de acordo com os profissionais da Estratégia Saúde da Família de Antônio Pereira que visitam regularmente as residências da comunidade, ainda existem muitas famílias que não filtram ou fervem a água

que consomem. Tal situação, certamente, contribui para a manutenção dos altos índices de contaminação e de parasitoses intestinais da região.

Conforme mencionado anteriormente, Antônio Pereira é uma região que recebe uma população flutuante de grande parte do Brasil, constituída, em sua maior parte, por homens contratados pelas mineradoras que exploram a região. Ao se estabelecerem no distrito, passam a usufruir de todo o serviço prestado pela rede pública municipal (assistência à saúde, educação, transporte etc.). Alguns se estabelecem na região e trazem seus familiares. Mas a grande maioria vem sozinha e se instala em alojamentos oferecidos pelas empresas contratantes. Com frequência, esses trabalhadores se envolvem com as mulheres do distrito (muitas delas, menores de idade), as engravidam e, ao finalizar os contratos com as empresas, vão embora, deixando-as com os filhos. Essas jovens, que pararam de estudar para cuidar dos filhos, sozinhas e sem perspectivas, em muitos casos, se envolvem com drogas e prostituição (de livre acesso em Antônio Pereira).

2.3 Conhecendo melhor o universo das mulheres participantes da pesquisa

Conforme mencionado anteriormente, foram aplicados 71 questionários às mulheres pertencentes à 2ª geração de um estudo sobre três gerações de mulheres de uma mesma família. De acordo com os requisitos da pesquisa, todas, necessariamente, teriam que residir em Antônio Pereira. A 3ª geração de mulheres teria que ser constituída por adolescentes, nas idades compreendidas entre 12 e 19 anos e que coabitassem com suas mães. Para analisar o comportamento afetivo-sexual dessas mulheres, levamos em consideração o contexto social e biográfico em que estavam inseridas.

A pesquisa nos mostrou que a idade mínima das mulheres que responderam o questionário é de 29 anos e a máxima de 55 anos. A partir da análise dos gráficos, constatou-se que 52,1% das mulheres da 2ª geração possuem idades compreendidas entre 36 e 45 anos, seguidas por 29,6%, com idade entre 26 e 35 anos. Apenas 18,3% das respondentes apresentavam idades acima de 46 anos, o que demonstra que essas mulheres têm um perfil relativamente jovem, isto é, mais de 80% delas têm até 45 anos.

Sobre a quantidade de filhos das mulheres respondentes, a média encontrada foi de três filhos, com o mínimo de um e com o máximo de nove filhos. No Brasil, segundo o Censo (IBGE, 2010), as mulheres têm, em média, 1,9 filhos, média que vem se reduzindo

desde a década de 1960. Observa-se, portanto, que as mulheres participantes da pesquisa em Antônio Pereira ainda possuem uma média de filhos maior que a nacional.

Os dados do Censo 2010 (IBGE, 2010) traçam um novo perfil da família brasileira. A média de pessoas que moram na mesma residência é de 3,3, enquanto que, em 2000, era de 3,7. Segundo o IBGE (2010), isso é mais um reflexo do processo de queda de fecundidade que vem ocorrendo sistematicamente no país nas últimas décadas.

Para Camarano (2014), as formas como as famílias brasileiras estão se organizando e como as condições de vida, medidas pelo rendimento médio mensal e pelo percentual de famílias pobres, variam segundo o tipo de arranjo familiar. Na análise da autora, os domicílios tradicionais, ocupados por um casal e filhos, diminuíram dez pontos percentuais em dez anos, de 54,8% para 44,8%, cedendo espaço para os domicílios habitados por homens e mulheres sozinhos, casais sem filhos e lares chefiados exclusivamente pela mulher. Esses novos arranjos, segundo Camarano (2014), têm feito crescer a proporção de domicílios onde os parceiros não têm a perspectiva de criar filhos. No entanto, em Antônio Pereira, do total de pessoas que moravam no mesmo domicílio, 23 respondentes relataram que suas famílias eram compostas por quatro pessoas; seguido por 22 mulheres relatando que o grupo familiar era composto por cinco pessoas morando no mesmo domicílio. Além disso, o que percebemos foi que, nessas famílias, ainda predomina o arranjo familiar nuclear, descrito por Singly (2007) e constatado na pesquisa, em que 63% das mulheres responderam que “o parceiro é o pai da filha adolescente”.

Em relação à escolaridade das gerações pesquisadas, dentre as 71 mulheres que responderam ao questionário, constatou-se que, nesse universo, há um aumento de escolaridade de uma geração para outra. O analfabetismo, constatado em 25,71% dos casos da 1ª geração, não foi observado nas gerações seguintes. Outro dado que reforça esse aumento da escolaridade diz respeito ao ingresso dessas mulheres da 2ª geração no nível superior. Segundo a pesquisa, nenhuma mulher da 1ª geração chegou a completar ou mesmo a iniciar um curso de nível superior, sendo que o maior número delas, 61,43%, não conseguiu completar o Ensino Fundamental. Por sua vez, 8,45% das mulheres da 2ª geração chegaram a ingressar no Ensino Superior e 2,82% já o concluíram. Sobre a 3ª geração, percebe-se que 43,66% possuem o Ensino Fundamental incompleto, e que 32,39% possuem o Ensino Médio ou Técnico incompleto (talvez esse dado reflita a pouca idade das jovens da 3ª geração, que apresentam, no mínimo, 12 anos). A pesquisa demonstrou que, independentemente da geração, a escolaridade com maior percentual é o Ensino Fundamental incompleto, sendo a 1ª com maior porcentagem e a 3ª com menos.

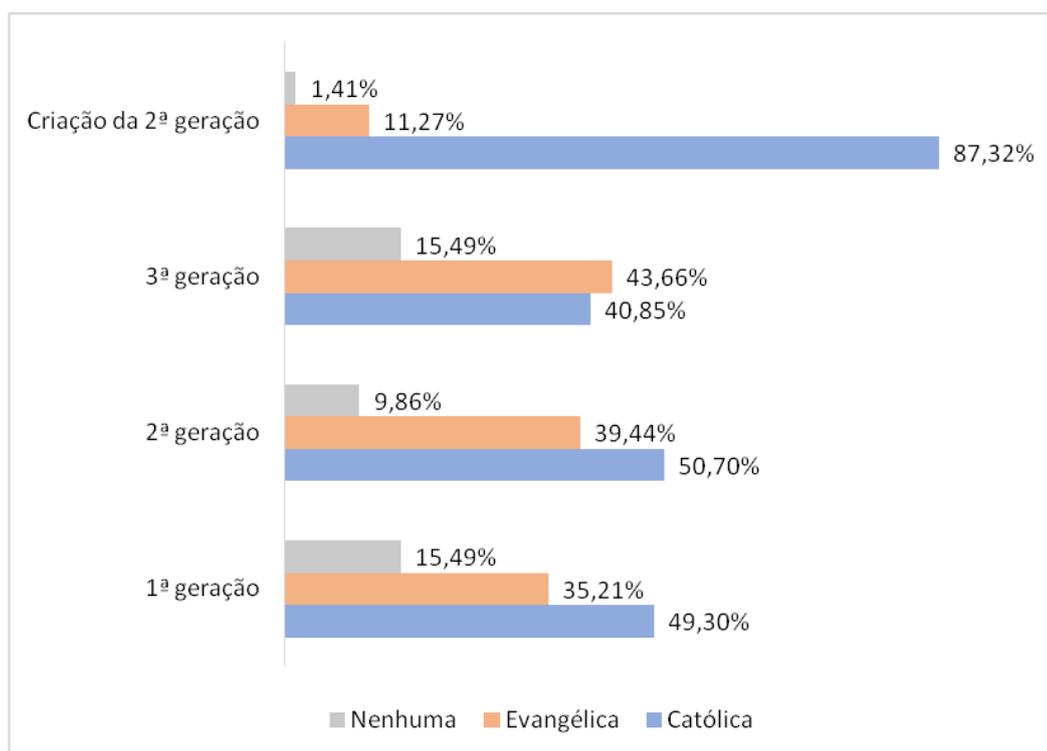
Sobre o aumento dos níveis de escolaridade nas gerações mais jovens, Silva (2000) constata que, apesar dos aspectos negativos do desempenho educacional brasileiro nas últimas décadas, junto com os demais países da América Latina, o Brasil experimentou uma expansão educacional que melhorou sensivelmente seus indicadores na área. Apesar do déficit histórico nessa dimensão da cidadania, as melhorias educacionais conseguidas nas últimas décadas são inegáveis. A expansão do sistema educacional do país, de acordo com o autor, pode ser aferida através do crescimento acentuado das matrículas nos distintos níveis de ensino. Nos últimos anos, o Brasil tem se aproximado da universalização do acesso ao Ensino Fundamental. Segundo Silva (2000), um dos resultados dessa expansão quantitativa no ensino básico é o deslocamento da pressão para níveis mais elevados de ensino. Dentro do universo pesquisado, constatou-se que 100% das adolescentes concluíram o Ensino Fundamental, o que contribui positivamente com essa perspectiva de universalização do acesso ao Ensino Fundamental.

Apesar do aumento da escolaridade, várias mulheres ainda interrompem seus estudos para cuidar dos filhos, trabalhar etc. Os dados obtidos na pesquisa mostraram os motivos de maior evasão dos estudos da 2ª geração das mulheres. Observou-se que, em 22,5% das respostas obtidas, o principal motivo pelo qual o estudo foi interrompido foi a necessidade de trabalhar, enquanto que o segundo mais relatado foi a necessidade de cuidar dos filhos, com 16,2% das respostas. Já os motivos menos relatados, com 9,9% e 2,9%, respectivamente, foram que não havia escolas próximas e que tiveram que parar com os estudos para cuidar dos irmãos. A gravidez apareceu significativamente, com 11,3% como causa da evasão escolar da 2ª geração. Sobre a interrupção dos estudos da 1ª geração, as respondentes não souberam informar. Com relação à 3ª geração, no momento da pesquisa, 93% delas continuavam estudando, o que pode ser um sinal de melhoria dos índices educacionais da população do distrito.

No que diz respeito à etnia, 57,7% das entrevistadas se autodeclararam da cor parda, seguido de 22,5% de negras, 22,3% de brancas e 8,5% de amarelas.

Em relação à crença religiosa das respondentes do distrito de Antônio Pereira, é importante ressaltar, que as mulheres da 2ª geração citaram apenas as religiões católica e evangélica em suas respostas. Apesar de ambas terem uma amostragem bastante representativa nas três gerações, os dados mostram que há uma predominância da religião católica nas 1ª e 2ª gerações, com 49,30% e 50,70%, respectivamente, conforme demonstra o Gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1: Religião das três gerações



Fonte: Elaborado pela autora

Os resultados da pesquisa vão ao encontro dos dados nacionais. De acordo com o Censo 2010 (IBGE), a proporção de pessoas por grupos de religião no Brasil aponta para um predomínio da religião católica em 64,6%, seguido de 22,2% da evangélica. Distribuído por sexo, temos 63,8% de mulheres que se autodeclararam católicas no país e, mais especificamente, no universo rural, 77,3% das mulheres são católicas. Se compararmos com o Censo de 2000, percebe-se uma tendência de mudança nesse quadro, com uma diferença percentual bem menor, pois 73% diziam ser católicos e apenas 24,9% informaram ser evangélicos. Por esses dados, é possível perceber uma tendência à diminuição dos adeptos ao catolicismo em Antônio Pereira, mas bem menos acentuada do que demonstram as pesquisas nacionais.

O Censo 2010 (IBGE, 2010) mostra que, de acordo com as características sociodemográficas, as mulheres no universo brasileiro são as que mais mudam de religião. Pode-se perceber também essa mudança em Antônio Pereira.

Em relação à renda familiar, constatou-se, na população pesquisada, um baixo nível socioeconômico, com 61,5% dos familiares com renda entre R\$ 880,00 e R\$ 2.640,00

mensais, 20% com renda inferior a um salário mínimo vigente¹⁸ (R\$ 880,00 mensais), e 11,5% vivendo com um salário mínimo. Rendas acima de três salários mínimos (R\$ 2.640,00) contabilizaram cerca de 7% do total. Complementando esse rendimento, 34% das famílias, segundo as entrevistadas, recebem auxílio financeiro por meio do Bolsa Família, um programa do governo federal de incentivo educacional aos filhos menores que frequentam a escola.

Outro dado constatado foi a baixa contribuição dos filhos maiores na constituição da renda familiar. Pelos questionários tabulados, apenas dez famílias contam com a contribuição financeira dos filhos e de outros familiares (pais, irmãos) no domicílio. Em 65% das famílias, as despesas são divididas basicamente pelas respondentes e pelos companheiros. Apenas 5% ficam sob a responsabilidade exclusiva do parceiro. A justificativa de algumas mulheres sobre a abstenção de contribuição dos companheiros no orçamento doméstico (30%) é o desemprego resultante do rompimento da barragem da mineradora Samarco¹⁹, responsável pelo maior número de empregos na região. Importante ressaltar que nenhuma das mulheres da pesquisa é ou já foi contratada pelas mineradoras. Em termos de remuneração, se tivessem vínculo empregatício, este era de empregada doméstica ou de contratação do comércio local. O que podemos perceber, em Antônio Pereira, é um paradoxo de submissão e autonomia vivido por essas mulheres. Reportando-nos ao primeiro capítulo, Singly (2007) descreve que a família contemporânea passa por dois momentos. Da primeira modernidade, percebemos traços que aproximam as mulheres de Antônio Pereira de um mundo mais submisso diante da figura masculina, onde existia uma divisão do trabalho bem definida entre os pares. Ao marido é delegado o papel de provedor e à esposa cabe a responsabilidade dos trabalhos domésticos e da educação dos filhos. A nosso ver, os papéis são exercidos pelas mulheres da pesquisa na concepção de Foucault (2007), ou seja, são caracterizados pelas variantes individuais e sociais envolvidas no comportamento sociocultural e pela instauração das regras e normas do universo do distrito de Antônio Pereira. Entretanto, também percebemos traços que as situam na segunda modernidade de Singly (2007), pois, mesmo que as famílias sejam tradicionais, pois seu perfil predominante é o nuclear, elas também trazem marcas que trabalham pelo sustento de seus lares.

Este capítulo teve como objetivo trazer o percurso da pesquisa, relatando a metodologia e os instrumentos de coleta de dados, bem como a caracterização da população

¹⁸ R\$ 880,00, em 2016.

¹⁹ Após o rompimento da barragem de Fundão em Mariana, a mineradora Samarco em Mariana reduziu radicalmente suas atividades na região.

estudada. Trouxe também o perfil socioeconômico das mulheres que fizeram parte dessa pesquisa, bem como algumas características básicas do lugar onde elas vivem, trabalham e criam seus filhos.

No próximo capítulo, traremos a análise dos questionários enfocando as questões relativas à sexualidade, às trocas intergeracionais e à vivência das mulheres da 2ª geração na interação com suas filhas e suas mães.

3 O QUE NOS DIZEM AS MULHERES DA 2ª GERAÇÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE

Conforme abordado no Capítulo 1, a sexualidade é um dos principais domínios que estimulam as pessoas a criar uma esfera de autonomia individual relativamente à família de origem. “A construção desse espaço pressupõe um aprendizado de como se estabelece um relacionamento afetivo e sexual” (HEILBORN, 2006, p. 35). Tal troca de conhecimentos e práticas se constrói não apenas entre os parceiros, mas também entre as gerações.

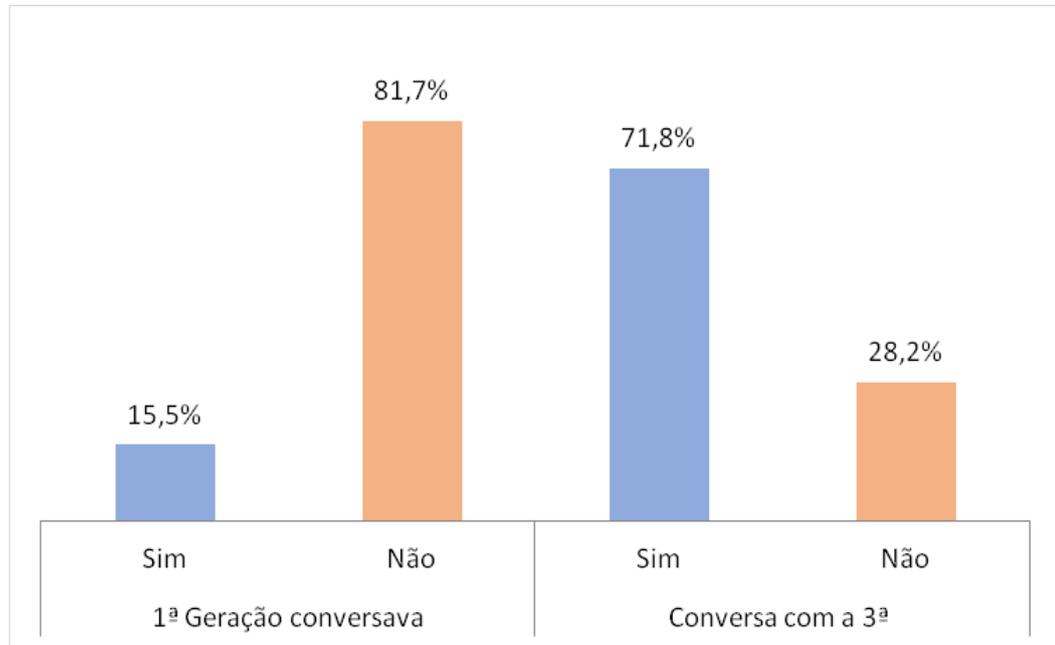
Neste capítulo, traremos os resultados da investigação de aspectos relativos à sexualidade entre mães, avós e netas. Dessa forma, abordaremos as continuidades e as discontinuidades para demonstrar a repetição ou não de padrões comportamentais intergeracionais nos aspectos relativos à sexualidade. Analisamos os gráficos por seções facilitar a compreensão do leitor acerca dos resultados obtidos. Para isso, dividimos o capítulo em duas seções:

- 1- A construção social da sexualidade: diálogo entre as gerações/intituições colaboradoras nesse processo (escola, amigos, outras fontes)
- 2- Gravidez e primeiro filho: trajetórias de cada geração/relações intergeracionais

Além disso, ressaltamos que, em alguns gráficos, a soma das respostas deu mais de 100%, pois algumas questões ofereciam a possibilidade de mais de uma resposta.

3.1 A construção social da sexualidade: diálogo entre as gerações/intituições colaboradoras nesse processo (escola, amigos, outras fontes)

Gráfico 2: A 2ª geração conversava/conversa com a 1ª e 3ª gerações sobre sexo e namoro



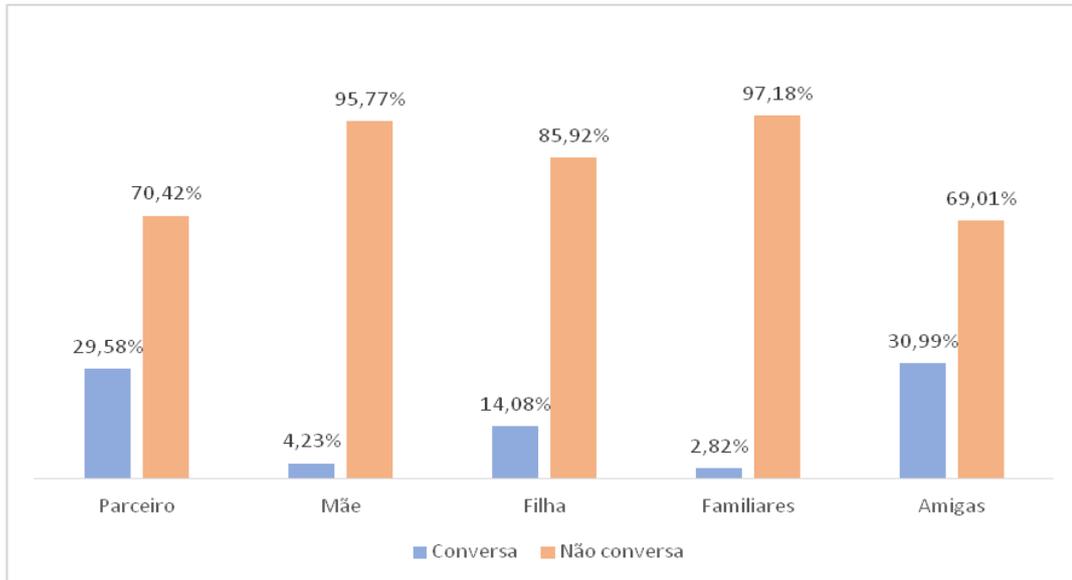
Fonte: Elaborado pela autora

A partir da análise dos dados, percebe-se um movimento entre as três gerações e uma possível ruptura dos padrões familiares dessas mulheres quando a 2ª geração relatou que 81,7% das mulheres componentes da 1ª geração não conversavam sobre assuntos relacionados à sexualidade. Percebe-se um movimento contrário e inovador desses corpos geracionais quando 71,8% das mulheres da 2ª geração responderam que conversavam sobre sexualidade com a 3ª geração. Aqui, nos remetemos à visão de corpo, na obra de Foucault (2007), que, como mencionado anteriormente, aparece como um composto de forças que se encontram em constante embate, se apresentando como um campo sobre o qual operam diferentes dispositivos. Aqui, se percebe uma tensão entre as gerações diferentes causada pela movimentação dos discursos que estão se modificando com o passar do tempo.

No distrito de Antônio Pereira, é possível supor, a partir do pensamento de Foucault (2007), que as condutas sexuais são produzidas a partir de experiências vividas de outras gerações, cujos saberes intervêm e produzem novas normas e saberes. Mas também é preciso dar significado a essas condutas e é isso o que a 2ª geração de mulheres participantes da pesquisa tem feito, ao garantir significado aos saberes e produzir novos saberes e práticas

que se configuram, se instituem e se instauram, a partir de regras que passam pelos campos individual e social, num processo contínuo de transformação.

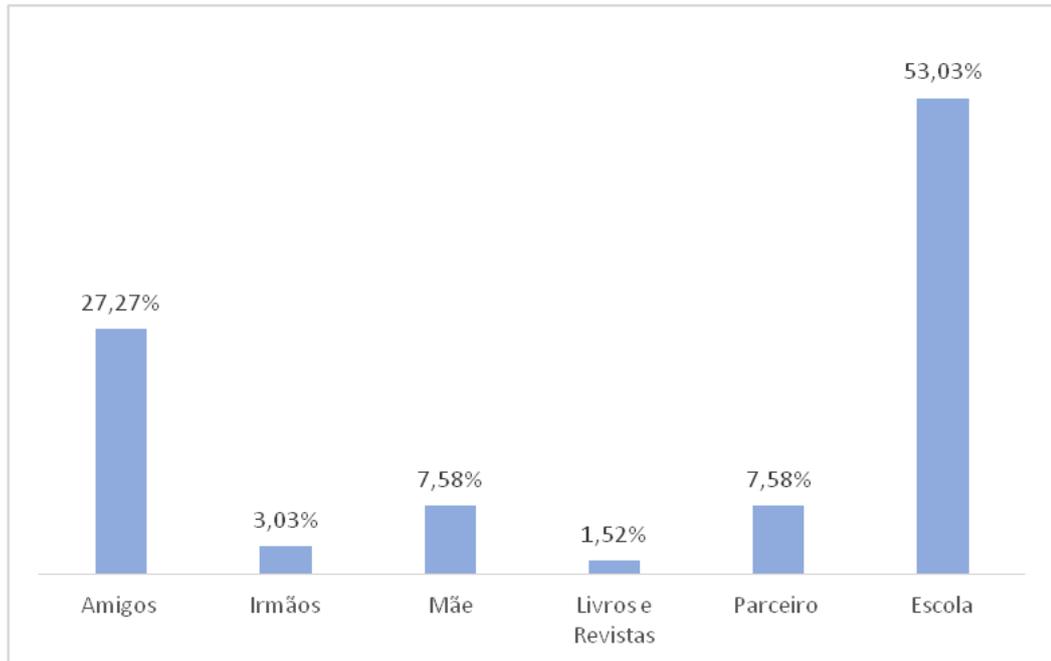
Gráfico 3: Com quem a 2ª geração conversa e aprende sobre sexualidade



Fonte: Elaborado pela autora

A partir da análise do Gráfico 3, vimos que grande parte das entrevistadas considera restrita a comunicação, no ambiente familiar, sobre assuntos relacionados à sexualidade, visto que 97,18%, 95,77% , 85,92% e 70,42% informaram que não conversam sobre o assunto com os familiares, com as mães, com as filhas e com o parceiro, respectivamente. Falar de assuntos relacionados à sexualidade ainda é tabu em grande parte desses ambientes familiares, seja por moralismo, por vergonha ou outra atribuição moral.

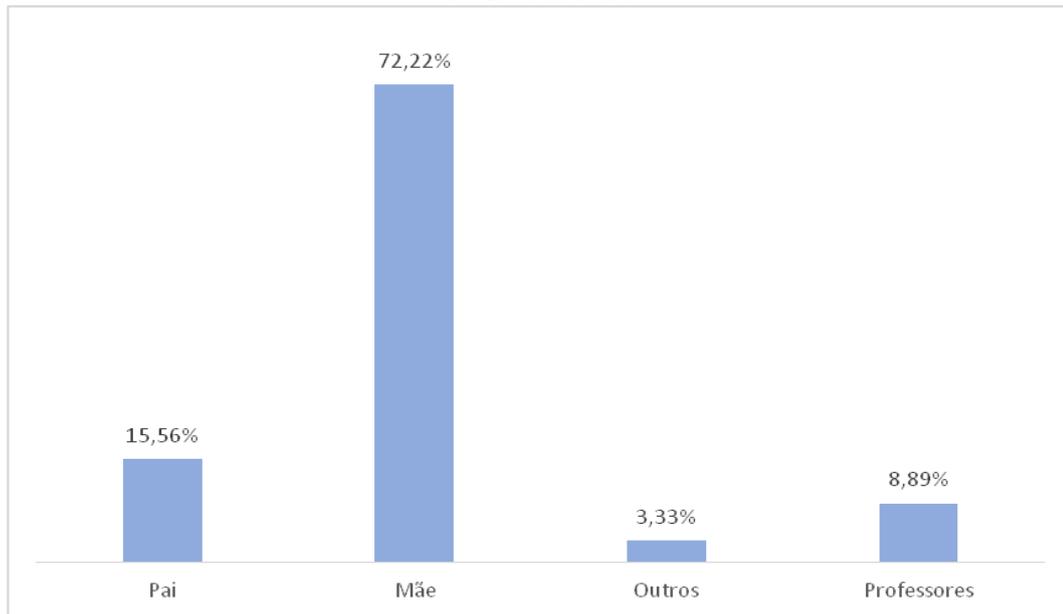
Gráfico 4: Onde a 2ª geração obteve informações sobre sexo e namoro



Fonte: Elaborado pela autora

Por meio do Gráfico 4, percebemos que a escola é um lugar de aprendizagem da 2ª geração sobre sexualidade. No Capítulo 1, Sarti (2008), como outros autores trazidos nesta dissertação, considera que o maior nível de escolarização das mulheres e sua afirmação no espaço público de trabalho permitiram e ampliaram as possibilidades de atuação da mulher no mundo social. Os resultados obtidos com essa pesquisa em Antônio Pereira vão ao encontro dessas considerações, pois ressaltam que a 2ª geração representa o elo transformador geracional nesse processo.

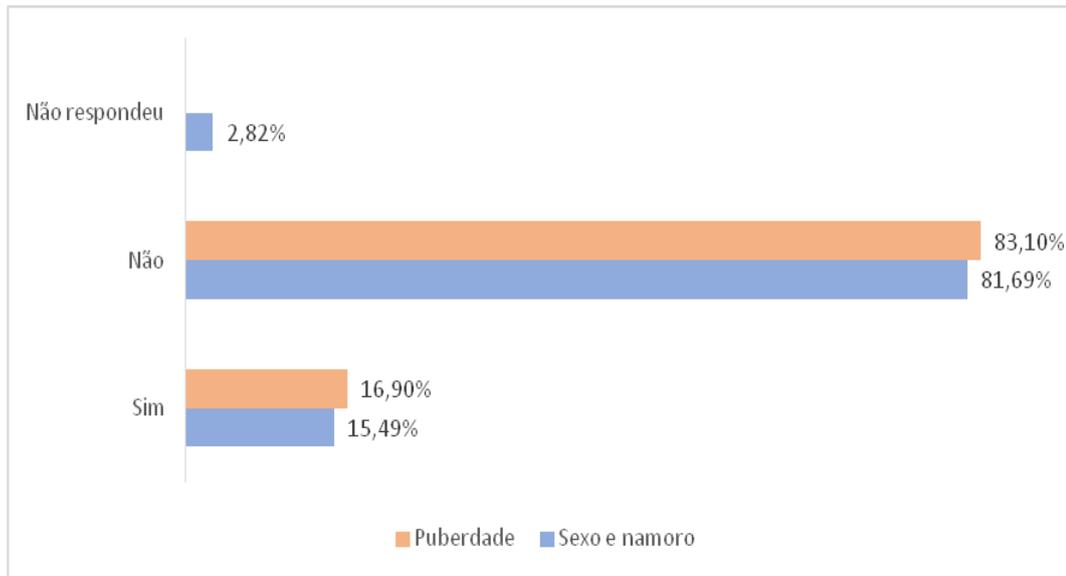
Gráfico 5: Quem a 2ª geração acha que deve orientar a 3ª geração sobre assuntos da sexualidade



Fonte: Elaborado pela autora

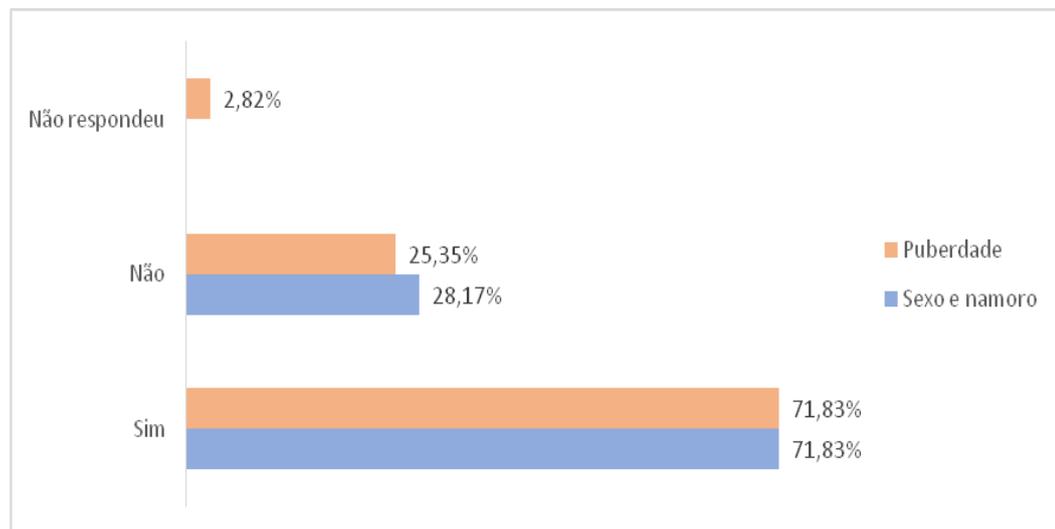
No Gráfico 5, a respeito de quem deveria orientar a 3ª geração sobre sexualidade, as 71 respondentes tinham a opção de indicar uma ou mais respostas. Dessa forma, obtivemos um total de 90 respostas. Assim, verificou-se que 72,22% das respostas indicaram que, de acordo com as respondentes, a mãe é quem deveria orientar as filhas sobre a sexualidade. Já 15,56% das respostas indicaram que quem deveria orientar é o pai da adolescente; 8,89% indicaram que a orientação deveria ficar a cargo dos professores; e 3,33% indicaram outros orientadores para as filhas. Nota-se que, mesmo sem receber orientações da primeira geração, houve um movimento de ruptura ou de mudança e de inovação das condutas entre as gerações. As mães participantes da pesquisa chamavam a si a responsabilidade pela orientação de suas filhas no que dizia respeito à sexualidade, o que revelou, dessa forma, um esforço em prol da mudança de comportamento.

Gráfico 6: A 1ª geração conversou com a 2ª sobre puberdade, sexo e namoro



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 7: A 2ª geração conversa com a 3ª sobre puberdade, sexo e namoro

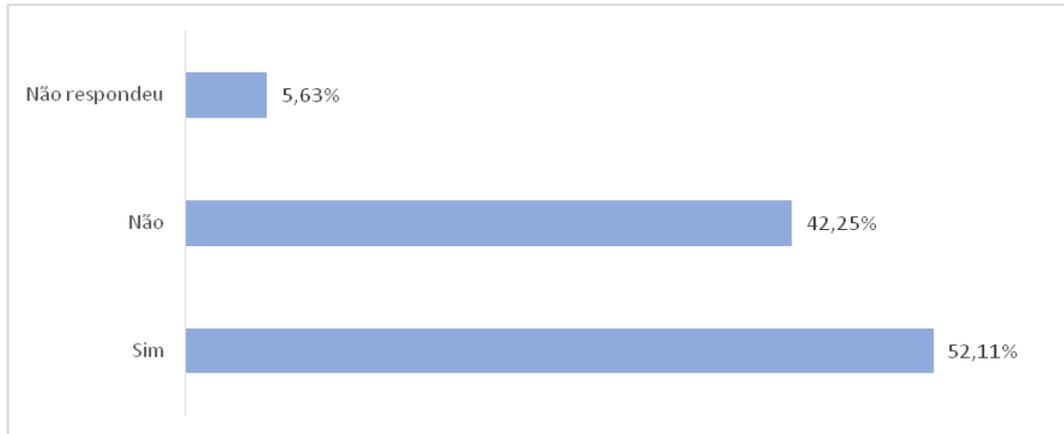


Fonte: Elaborado pela autora

Os Gráficos 6 e 7 revelam uma tendência de mudança dos padrões comportamentais entre as gerações, pois a maioria das respondentes (83,10% e 81,69%) respondeu que suas mães não conversavam com elas sobre puberdade, sexo e namoro e, em relação à 3ª geração, 71,83% delas responderam que conversam com suas filhas. Conforme mencionado no Capítulo 1, apesar de se reconhecer a importância identitária familiar, percebe-se um movimento geracional com dimensões sociais mais amplas que as do grupo. De acordo com Mannheim (1928), esse movimento não está preso ao contexto no qual está

inserido, podendo acatar ou recusar modelos, valores e comportamentos que lhes são transmitidos, ou, ainda, conciliá-los com modelos propostos por outras gerações. Tal movimento também pode ser observado no Gráfico 8.

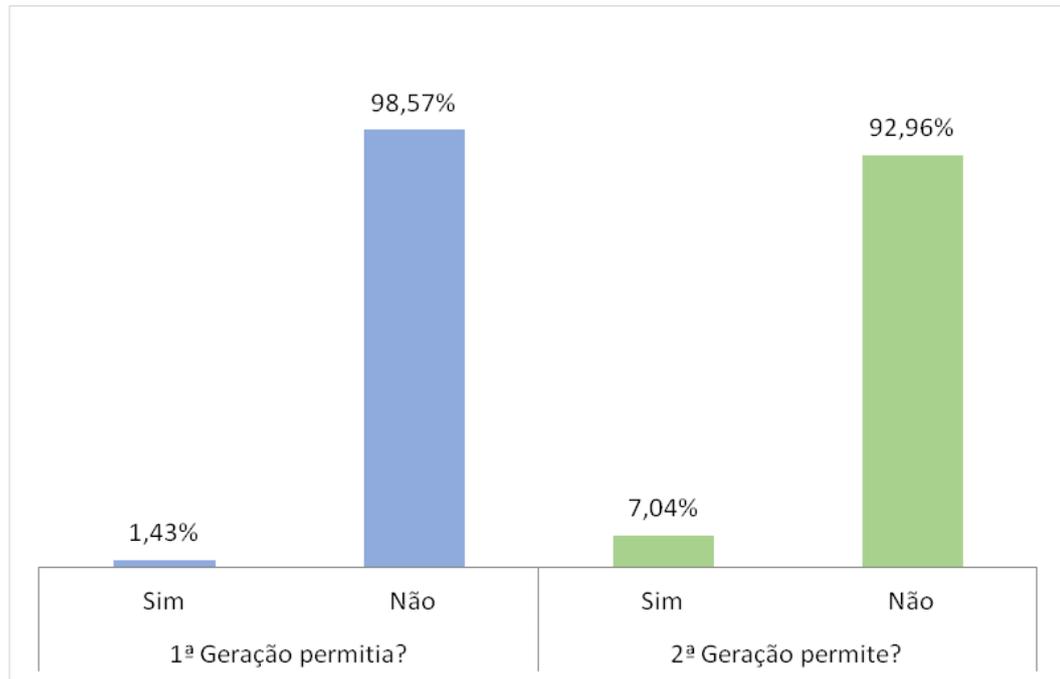
Gráfico 8: A 2ª geração aprende sobre sexualidade com a 3ª geração



Fonte: Elaborado pela autora

O Gráfico 8 reforça a ideia de que existe um movimento entre as gerações. Vimos uma inovação das ações da 2ª e 3ª gerações em relação aos padrões vivenciados pela 1ª. As mulheres da 2ª geração, apesar de estarem em uma comunidade que ainda prima pela tradição (conforme os dados que vêm sendo observados na pesquisa), sofrem os reflexos da “revolução” dos costumes trazidas pelos movimentos sociais do final do século XX e das próprias mudanças na ordem doméstica.

Gráfico 9: As gerações permitem que sua(s) filha(s) durma(m) com o parceiro



Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com o Gráfico 9, percebe-se uma permanência nos padrões dessas gerações. Pelas respostas das mulheres investigadas, nem a 2ª nem a 3ª geração permitiam que suas filhas dormissem com os parceiros (98,57% e 92,96%, respectivamente). Sobre as rupturas e permanências dos comportamentos entre as gerações, Ceverny (2011, p. 51) afirma que “toda família repete” e há repetições que diferenciam uma família das demais, o que compõe sua identidade. Ao compararmos as atitudes das mulheres nas diferentes gerações de Antônio Pereira, percebe-se que existe uma continuidade entre elas, o que pressupõe uma transmissão de padrões e de modelos aprendidos na família.

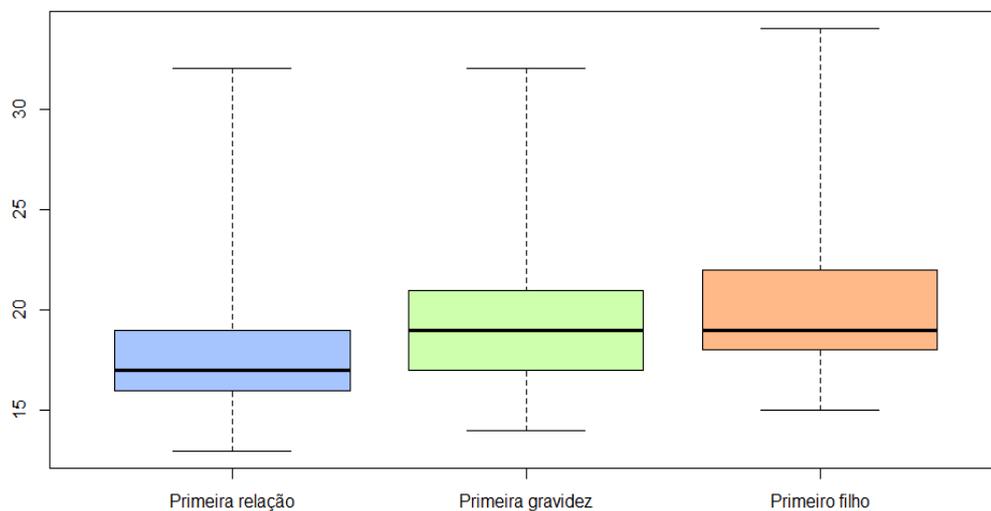
Tal comportamento mais tradicional também pode ser observado nos sujeitos que interagem ou que interagiam com as mulheres da 2ª geração.

A discussão de gerações trazida por alguns autores abordados neste trabalho (BARROS, 2006; TOMIZAKI, 2010) nos permite perceber que as diferentes gerações familiares se relacionam diretamente com o meio em que as pessoas vivem e com as experiências que vivenciam. Assim sendo, as mulheres participantes da pesquisa não deixam de se vincular a outros grupos e instituições, quer seja na escola, no trabalho, na igreja, nas associações de bairro ou em outros espaços. Dessa forma, além da transmissão da memória familiar, há também a influência do território e da moradia, da posição no grupo e da religião sobre elas (DOMINGUES, 2002).

3.2 Gravidez e primeiro filho: trajetórias de cada geração/relações intergeracionais

Analisando o Gráfico 10, que correlaciona os dados da primeira relação sexual com a primeira gravidez e o nascimento do primeiro filho, constatou-se uma aproximação entre esses três acontecimentos. Comparando os três itens destacados no gráfico, observa-se um predomínio de primeira gravidez, da primeira relação e do primeiro filho entre 15 e 20 anos.

Gráfico 10: Idade em que a entrevistada teve a primeira relação, a primeira gravidez e o primeiro filho²⁰



Fonte: Elaborado pela autora

Constatou-se, em nossa pesquisa, que 25% das mulheres da 2ª geração tiveram a primeira relação sexual próximas aos 15 anos. Percebeu-se ainda que, aos 20 anos, mais de 75% dessas mulheres já haviam se relacionado sexualmente ao menos uma vez. Em relação à primeira gravidez, 50% das respondentes ficaram grávidas com idade entre 17 e 22 anos, aproximadamente. Já quanto ao primeiro filho, a faixa etária subiu um pouco, sendo de, aproximadamente, 18 a 23 anos. Percebe-se também que essa é a faixa etária na qual 50% das mulheres tiveram seu primeiro filho. Notamos, a partir da análise desses dados, que as

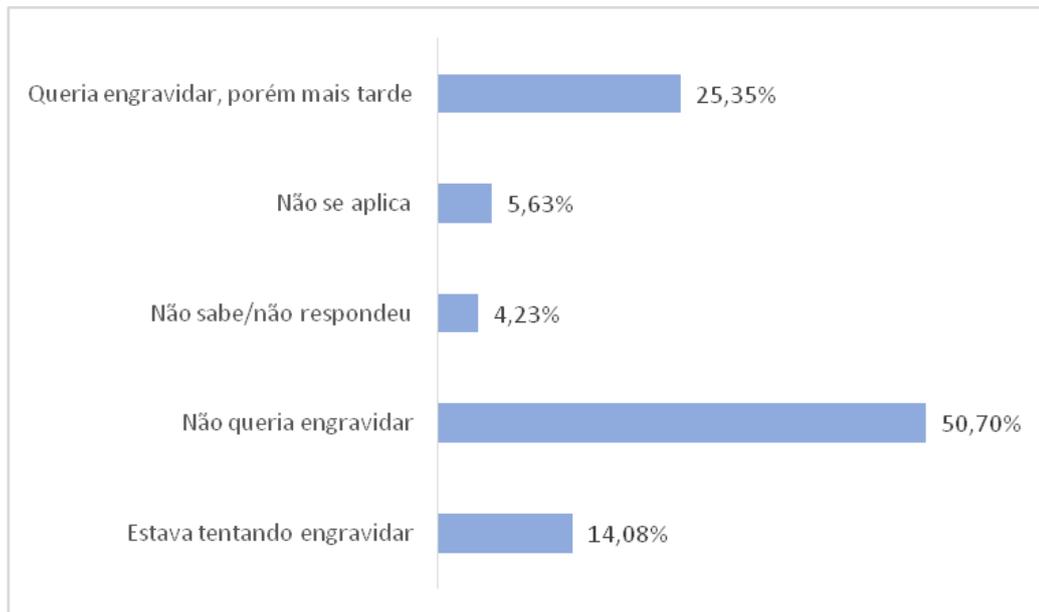
²⁰ Um boxplot é um gráfico em formato de caixa, utilizado para avaliar a distribuição empírica dos dados. As hastas inferior e superior indicam o limite inferior e superior, respectivamente. Caso existam pontos fora dos limites, estes são chamados de *outliers*. Já os traços verticais da caixa são o 1º e 3º quartis, respectivamente, enquanto o traço central é a mediana. Cada traço contém 25% dos dados. Assim, é possível verificar o comportamento destes, e saber abaixo ou acima de qual valor concentra-se o percentual dados.

mulheres da 2ª geração tiveram pouco tempo entre a iniciação sexual e a primeira gravidez (em torno de um ano). Além disso, os dados também mostram que a primeira gravidez coincidiu com o primeiro filho, o que aponta para algumas possibilidades que podem ser investigadas em pesquisas futuras: o desejo de ser mãe, a não realização do aborto (proximidade da primeira relação, primeira gravidez e primeiro filho) e a possibilidade de ocultação da verdade a respeito do início da iniciação sexual.

Sobre a 1ª geração de mulheres entrevistadas em Antônio Pereira, constatou-se que 38,70% delas tiveram o primeiro filho entre 14 a 19 anos, e que 21,10% delas tiveram o primeiro filho aos 20 anos. Percebe-se, aqui, uma tendência à mudança entre as duas gerações. É possível que isso esteja relacionado com uma maior comunicação entre as gerações, visto que 81,7% da 1ª geração não conversavam com a 2ª geração sobre sexo e namoro.

Esses dados contrariam o que se observa em nível macro. Segundo dados do IBGE (2010), está havendo uma redução do número de jovens que engravidam na adolescência e um aumento do total de nascimentos de filhos de mulheres de 25 a 29 anos no país. Esse comportamento está ligado à inserção da mulher no mercado de trabalho e ao maior acesso ao estudo nos últimos anos, como tem sido indicado pela literatura utilizada nesse estudo (CAMARANO, 2014; SINGLY, 2007; BOZON, 2004). De acordo com o IBGE (2010), a taxa de natalidade está sofrendo um deslocamento para as idades mais avançadas. Importante destacar que o grupo de mães com idades entre 30 e 34 anos também tem aumentado no país. Em 2002, somavam 14,4% e, dez anos depois, esse grupo já representava 19%, sendo a gravidez tardia mais frequente na Região Sudeste (21,4%). O levantamento do IBGE (2010) mostra que a gravidez entre os 15 e 19 anos caiu no Brasil, de 20,4% do total, em 2002, para 17,7%, em 2012. Atualmente, a Região Sudeste detém o menor índice (15,2%) para essa faixa etária. A nosso ver, os fatores sociais que impulsionam essas mudanças na maternidade para idades mais avançadas estão relacionados com o maior grau de escolaridade, com maiores oportunidades de emprego e com a queda nas taxas de fecundidade. Entretanto, as mudanças em Antônio Pereira não têm acompanhado, com a mesma velocidade, as mudanças sofridas no Brasil. Talvez isso seja explicado pela persistência dos padrões nas trajetórias das mulheres.

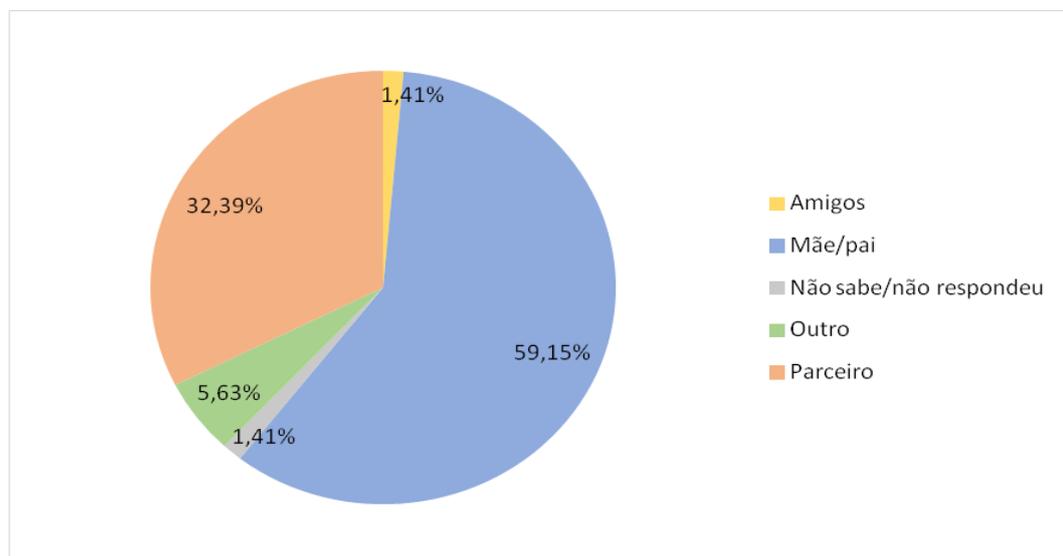
Gráfico 11: Situação antes da primeira gravidez (2ª geração)



Fonte: Elaborado pela autora

No gráfico acima, observa-se que 50,70% das entrevistadas não queriam engravidar e que 25,35% planejavam engravidar, porém mais tarde. Percebe-se que os resultados desse gráfico, aliados aos do Gráfico 10, revelam que, para a maioria das mulheres da 2ª geração, a primeira gravidez não foi planejada e nem desejada naquele momento. Um fator que nos leva a concluir isso foi a proximidade do nascimento do primeiro filho com o início da atividade sexual, conforme assinalado no Gráfico 10.

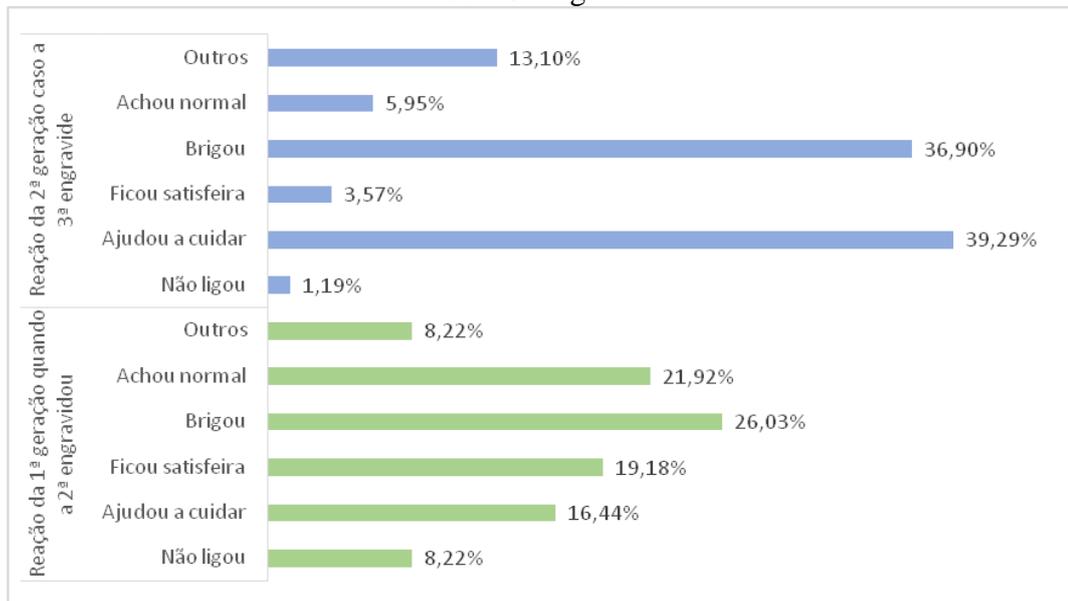
Gráfico 12: Com quem a 2ª geração morava quando engravidou



Fonte: Elaborado pela autora

Segundo o gráfico acima, pode-se notar que, aproximadamente, 59% das respondentes moravam com os pais (mãe e/ou pai) quando engravidaram, e que 32,39% delas moravam com o parceiro. Esses dados mostram que a organização familiar do distrito, na ocasião da 1ª gravidez da 2ª geração, era bastante tradicional, embora chame a atenção o fato de que mais de 30% delas já morassem com o parceiro.

Gráfico 13: Reação da 1ª geração quando a 2ª engravidou e reação da 2ª geração caso a 3ª engravidasse

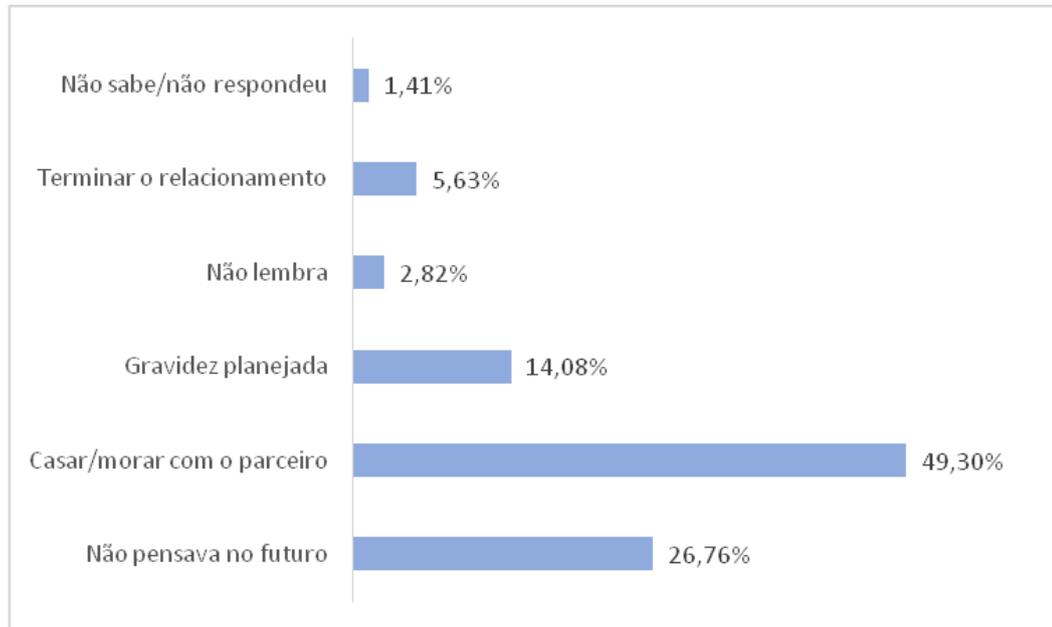


Fonte: Elaborado pela autora

Observa-se que a reação de 26,03% de mães da 1ª geração foi brigar com a filha quando ela engravidou e que 21,92% achou normal a gravidez fora do casamento. Vale destacar que 16,44% das mulheres 1ª geração ajudaram a criar a 3ª geração. Entretanto, quando se perguntou sobre a reação que a 2ª geração teria caso a 3ª engravidasse, nota-se que 39,29% responderam que ajudariam as filhas a cuidar da criança, enquanto que 36,90% relataram que brigariam com as filhas. Importante ressaltar que o Gráfico 13 pode ser fiel à realidade da 1ª geração, uma vez que 32,39% das filhas já moravam com o companheiro. Contudo, o gráfico indica que, hoje, as mulheres da 2ª geração se manifestam mais negativamente diante da gravidez das filhas (3ª geração), caso essas engravidassem. A nosso ver, isso pode estar relacionado com os novos comportamentos das mulheres. De acordo com Del Priori (2013), nesse momento em que as mulheres emergem como novos atores sociais na escolha de suas vidas e de sua maneira de ser, os modelos femininos se diversificam.

Mulheres reivindicam não mais serem reduzidas a uma só dimensão, pois querem ser simultaneamente mães, companheiras, trabalhadoras, cidadãs e protagonistas de seu lazer e prazer.

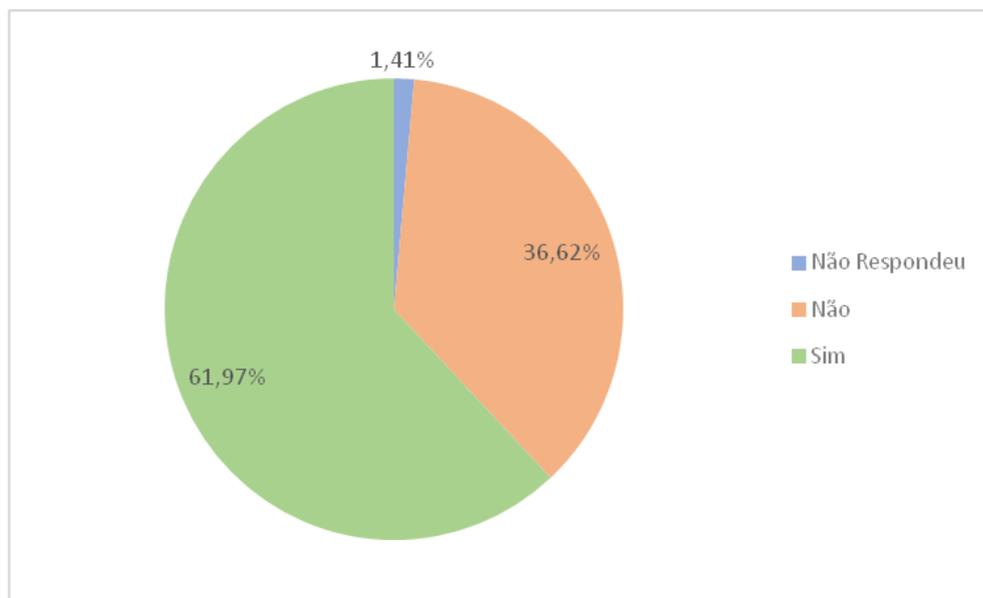
Gráfico 14: Planos da 2ª geração antes de engravidar



Fonte: Elaborado pela autora

Por meio da comparação dos dados trazidos nos Gráficos 12 e 14, percebemos que as mulheres da 2ª geração não planejaram a gravidez, sendo que 32,39% delas moravam com seus pais e 49,30% (Gráfico 14) pretendiam casar e morar com os parceiros. O alto percentual de mulheres que queriam viver com os parceiros demonstra o desejo dessas mulheres de constituição de uma família nuclear e tradicional, mantendo o padrão de gerações anteriores. Tal comportamento tradicional também é demonstrado no Gráfico 15, que revela o percentual de casos em que o companheiro é pai das filhas das mulheres da 2ª geração.

Gráfico 15: O companheiro da 2ª geração é pai da 3ª geração



Fonte: Elaborado pela autora

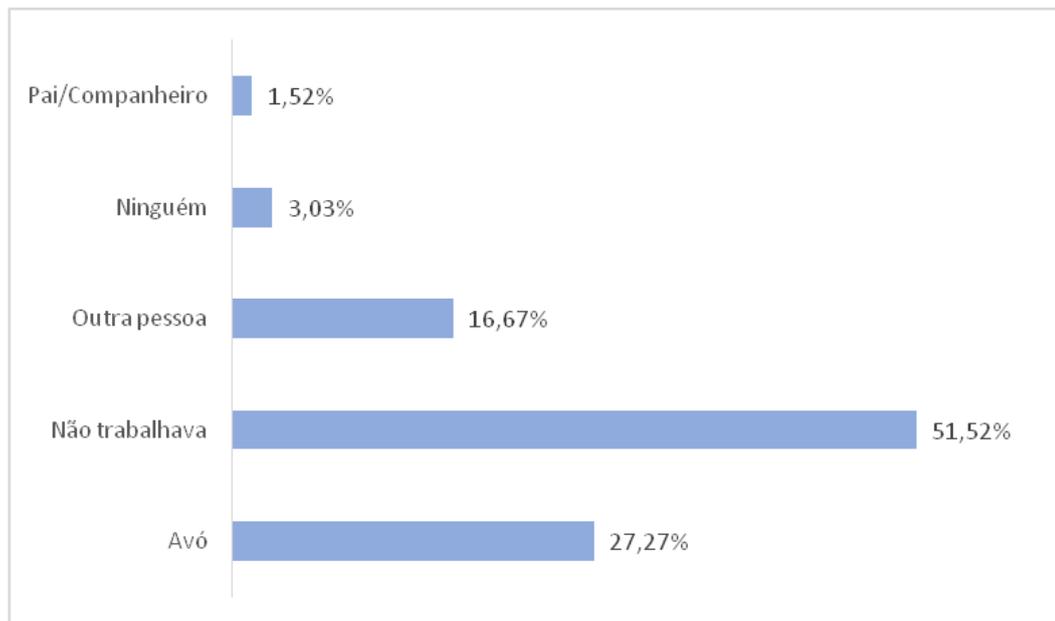
Percebe-se que, em cerca de 61,97% dos casos, o parceiro da 2ª geração é o pai da 3ª geração. Pelas amostragens dos Gráficos 4 e 5, verificou-se que, em Antônio Pereira, há um predomínio da estrutura da família nuclear. Essa afirmativa é sustentada, principalmente, pelo fato de que 59,15% das mulheres responderam que “moravam com os pais quando engravidaram”.

Os dados da pesquisa vão ao encontro dos dados nacionais. Camarano (2014), referindo-se ao Censo 2010, afirma que, no Brasil, ainda que em declínio, há uma predominância por esse arranjo familiar formado pela tríade pai-mãe-filho. Segundo a autora, em 2010, aproximadamente a metade dos domicílios encontrava-se com essa formação nuclear familiar, mas, em 1980, este percentual fora de 67,3%. Esses dados apontam para um comportamento tradicional das famílias, como poderemos ver nos gráficos seguintes. Entretanto, não podemos deixar de ressaltar o quantitativo significativo de outros arranjos familiares existentes em Antônio Pereira.

Em 36,62% das respostas, foi possível perceber uma quantidade considerável de outras estruturas. Pode-se pensar numa tendência a mudanças nos padrões estruturais familiares desse distrito. A teoria nos ajuda a entender melhor o fenômeno. Giddens (2004) relaciona a mudança das relações familiares compreendendo o conteúdo igualitarista das relações afetivo-sexuais. Para o autor, essa transformação implica em reelaborar a intimidade dos homens e mulheres, por meio da construção de uma identidade própria. E a construção

dessa identidade das mulheres de Antônio Pereira significou tentar romper com uma ordem emocional que garantia ao sexo masculino a soberania no relacionamento, implicando numa busca por autonomia.

Gráfico 16: Quem cuidava da criança (3ª geração) em razão do trabalho remunerado da mãe (2ª geração)



Fonte: Elaborado pela autora

Após o nascimento do primeiro filho, mais da metade (51,52%) das mães não trabalhavam remuneradamente (formal ou informal), fora de sua residência, e 27,27% das avós cuidavam das netas para que a 2ª geração pudesse sair de casa para trabalhar. O pai/companheiro cuidava da filha, para esse propósito, em apenas 1,52% dos casos.

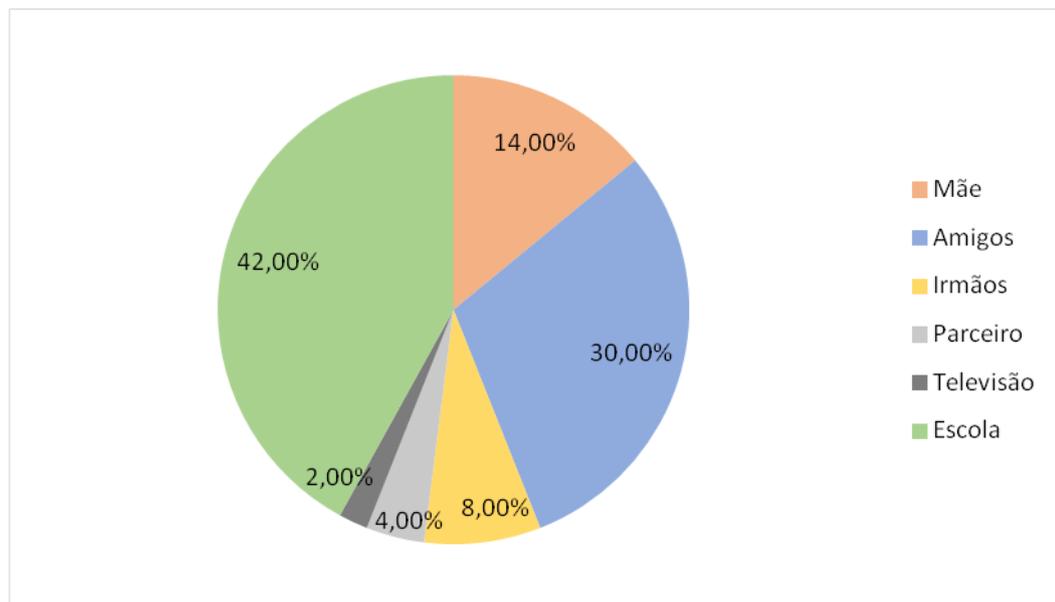
No Capítulo 1, durante a análise da gênese das relações de poder entre homens e mulheres, percebemos que, na divisão social do trabalho familiar, cabia às mulheres o cuidado dos filhos e do lar. Essas atribuições reforçam a ideia de que, à medida que as relações existentes entre masculino e feminino são desiguais, a mulher se mantém subjugada ao homem e ao domínio patriarcal.

No entanto, conforme observado anteriormente na tabulação dos dados, muitas mulheres da 2ª geração não queriam engravidar naquele momento. Contudo, havia pouca informação em seu meio sobre métodos contraceptivos. A escola, mais uma vez, aparece como espaço informativo e formativo.

Sabemos que, no Brasil, os estudos sobre a mulher começaram a ser delineados em meados da década de 1960, paralelamente aos movimentos feministas, engajados em questionar os papéis sociais atribuídos a elas. Conforme Sarti (2008), a década de 1960 tornou-se uma referência como marcador das transformações da família, e o advento da pílula anticoncepcional feminina foi considerado um marco na dissociação entre a vida sexual ativa e a reprodução. Além disso, o maior nível de escolarização das mulheres e sua afirmação no espaço público de trabalho possibilitaram condições materiais para que deixassem de ter sua vida e sua sexualidade atadas à maternidade como um destino.

Podemos perceber isso na 3ª geração, quando vimos o maior nível de escolarização entre elas, mas importa ressaltar que, convivendo no dia a dia com elas na Unidade Básica de Saúde, vimos que a maternidade²¹ ainda está atrelada ao seu cotidiano.

Gráfico 17: Com quem/onde a 2ª geração aprendeu sobre contracepção

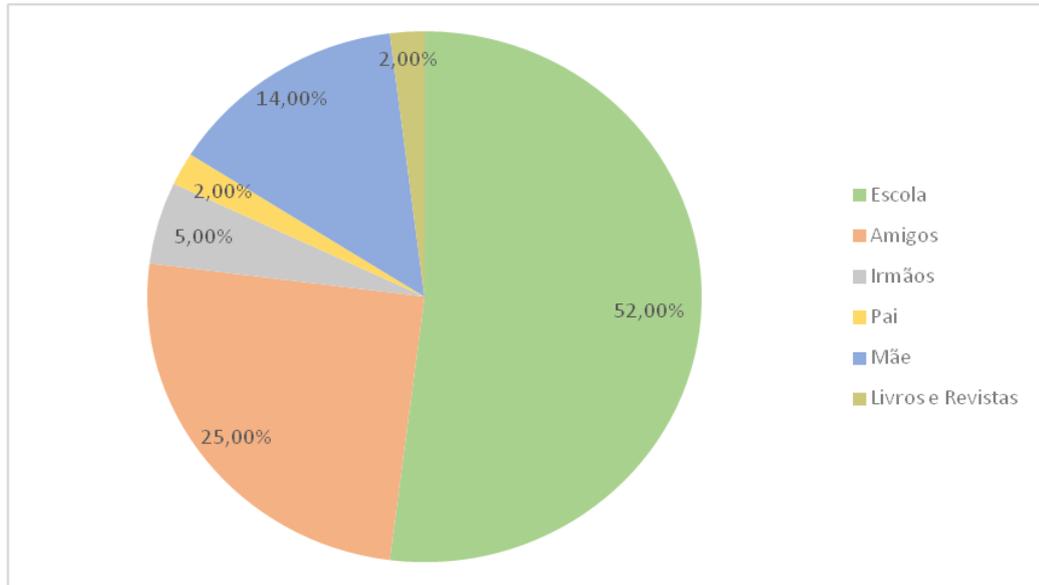


Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com o Gráfico 17, constatou-se que 42% das mulheres da 2ª geração aprenderam sobre os métodos contraceptivos na escola e que 30% delas aprenderam com os amigos. Apenas 14% responderam que aprenderam com suas mães.

²¹ Na aplicação dos questionários e no cadastro e acompanhamento dessas mulheres pela Unidade Básica de Saúde, pelo Programa Saúde da Família, sete das famílias pesquisadas já conviviam com mais uma geração (filhos da 3ª geração).

Gráfico 18: Onde a 2ª geração aprendeu sobre gravidez



Fonte: Elaborado pela autora

Finalmente, o Gráfico 18 assinala a importância da escola na construção da sexualidade intergeracional. Percebemos continuidades e descontinuidades entre as gerações, uma vez que 52% das mulheres da 2ª geração disseram que aprenderam sobre gravidez na escola, enquanto que 14% delas aprenderam sobre o tema com as mães. Apesar de baixa representatividade, os pais apareceram aqui com 2,0%

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação de mestrado buscamos conhecer o processo de construção social da sexualidade em um pequeno distrito de Ouro Preto e, para realizar a investigação, partimos da seguinte questão: Como ocorre o processo coeducativo intergeracional da sexualidade entre três gerações de mulheres de uma mesma família? A partir desse questionamento, propusemos-nos a investigar a relação entre avós, mães e filhas de famílias de baixa renda no distrito de Antônio Pereira na perspectiva da 2ª geração, por meio da análise das continuidades, descontinuidades e diferenças entre as próprias mulheres, bem como traçamos um perfil das famílias cujas mulheres mães possuem filha(s) adolescente(s) e mães que coabitam o domicílio ou microáreas do território adstrito de Antônio Pereira.

Os objetivos propostos revelaram a necessidade de se construir um arcabouço teórico que sustentasse os três pilares da pesquisa, ou seja, família, sexualidade e gerações. Para isso, o Capítulo 1 trouxe um diálogo com os principais autores que abordam esses eixos, de importância central no trabalho. Iniciamos esse capítulo com uma discussão sobre as mudanças sócio-históricas do conceito família até os dias atuais, abordando os múltiplos arranjos familiares que têm surgido como resultado das transformações ocorridas na sociedade ocidental e seus reflexos na família brasileira contemporânea. As famílias têm vivenciado, nas últimas cinco décadas, muitas transformações, com reflexos nas formas de relacionamento conjugal e na atuação de cada sujeito no núcleo familiar. As mulheres assumiram novos papéis sociais e não se pode deixar de mencionar as mudanças nos padrões de comportamento sexual. Por isso, ainda nesse capítulo, trouxemos uma discussão sobre o conceito de sexualidade como uma construção sócio-histórica que se reflete nos comportamentos humanos, tanto no âmbito social quanto privado.

Certamente, tais mudanças são percebidas ao longo das gerações e são fruto de um processo de transmissão geracional. Por isso, o Capítulo 1 não poderia ser concluído sem que trouxéssemos uma discussão sobre as gerações, buscando compreender como a literatura sobre o tema discute as permanências e as rupturas de comportamentos ao longo dos anos, tanto no âmbito social quanto familiar. Trazendo a discussão mais para perto do nosso objeto de pesquisa, no Capítulo 2, procuramos contextualizar o objeto mais claramente, trazendo a localização e algumas características sócio-históricas do distrito e, a partir dessa contextualização do lugar da pesquisa e dos sujeitos, iniciamos o relato de como a pesquisa foi construída e executada. Assim, expusemos a metodologia da pesquisa, descrevendo o

processo de coleta de dados teóricos e empíricos, a aplicação dos questionários e sua análise. Em seguida, foi apresentado o perfil socioeconômico (renda, idade, estado civil, profissão etc.) da 2ª geração de mulheres, isto é, aquelas que responderam ao questionário da pesquisa. Em seguida, no Capítulo 3, trouxemos os resultados dos questionários aplicados às 71 mulheres da 2ª geração moradoras de Antônio Pereira, buscando compreender como construíram socialmente sua sexualidade, enfocando as continuidades e as descontinuidades geracionais entre mulheres de uma mesma família.

Ao analisar a vida das mulheres de três gerações de uma mesma família, consideramos que os objetivos propostos foram todos alcançados. Percebemos que muitos comportamentos das mulheres participantes da pesquisa se repetem de uma geração para outra, e que existem comportamentos tanto das mais jovens quanto das mais velhas que se aproximam do grupo etário ao qual fazem parte (das jovens, das mulheres adultas e das idosas). A nosso ver, são comportamentos inovadores e que indicam que há movimentos de aproximação e de afastamento entre as mulheres das diferentes gerações. Tais movimentos de afastamento e aproximação, além da repetição de comportamentos e diferenças de ação estão sempre presentes e refletem a vivência de situações de conflitos e de muita tensão em seus cotidianos.

Também pelas respostas dos questionários, percebemos a importância de instituições e grupos que fazem parte do meio em que essas famílias vivem, ou seja, a igreja, a escola, a família mais alargada, como primos, irmãos, tios etc. na construção da sexualidade dessas mulheres de baixa renda moradoras de Antônio Pereira. Tais grupos contribuem para estruturar as relações tecidas pelas gerações nessa localidade, na medida em que essas mulheres vão incorporando, transmitindo e representando seu aprendizado. Talvez por isso as mudanças no distrito estudado pareçam mais lentas. A literatura consultada nos ajudou a compreender como a construção social da sexualidade foi se constituindo a partir das relações intergeracionais, chamando a atenção para as persistências dos padrões nas trajetórias dessas mulheres, como, por exemplo, nas escolhas profissionais (grande parte das mulheres da 1ª e da 2ª geração não tem trabalho remunerado, ou seja, são donas de casa); a idade em que a 2ª geração engravidou em relação à 1ª; ou mesmo para as mudanças intergeracionais, como a diferença no número de anos de escolaridade, que aumenta notoriamente de uma geração para a outra, a mudança do perfil religioso da 1ª e 2ª gerações para a 3ª etc.

Tais observações foram subsidiadas pelos autores trazidos nessa pesquisa (BOZON, 2004; BARROS, 2003; 2006; HEILBORN, 2006), que convergem na afirmação de que a família, como uma instituição mediadora entre o indivíduo e a sociedade, sofre

influência não só das condições econômicas, sociais, culturais e/ou demográficas, como também tem a capacidade de influir na sociedade. A respeito das vivências e representações sobre a família e a inserção dessas mulheres nesse núcleo, observamos, ainda, que a internalização da ideologia patriarcal e o predomínio da família nuclear (os parceiros são os pais das filhas adolescentes) reforçam, a nosso ver, a definição da identidade feminina através da família, ou seja, ser mulher, para as participantes da pesquisa, que são moradoras da comunidade de Antônio Pereira, é sinônimo de ser filha, esposa ou mãe. Assim, percebemos, através de nossa pesquisa que, embora a média de filhos que a 2ª geração tem seja baixa e compatível com a média nacional, o lugar da maternidade, ocupado por essas mulheres em Antônio Pereira, continua sendo um atributo essencialmente forte, o que nos leva a intuir que as mulheres, mesmo as mais jovens, ainda têm projetos de serem mães.

Outro achado que consideramos importante na pesquisa e que revela permanências de comportamento em relação à geração anterior foi que as mulheres da 2ª geração tiveram pouco tempo entre a iniciação sexual e a primeira gravidez (em torno de um ano). Além disso, os dados mostraram também que a primeira gravidez coincidiu com o primeiro filho. Esse dado aponta para algumas possibilidades que podem ser investigadas em pesquisas futuras e que podem revelar não uma continuidade, mas diferenças em relação à geração anterior. Uma delas é a respeito do real desejo de ser mãe; a outra é a possível ocultação da verdade a respeito da não realização do aborto (uma vez que é muito grande a proximidade da primeira relação, da primeira gravidez e o primeiro filho); ou mesmo, como terceira questão, a não revelação da idade correta do início da iniciação sexual.

Mesmo constatando algumas rupturas ou mudanças nos padrões de comportamentos dessas três gerações de mulheres, corroboramos com Foucault (2007), que afirma que a sexualidade apresenta caráter discursivo, e que as normas que regulam o sexo dos sujeitos precisam de repetição e reiteração para que se materializem nos corpos, atentando à importância de um significado que não apenas nomeia, mas constrói e produz corpos e sujeitos.

O conceito de sexualidade descrito nesta pesquisa trouxe, como referência, crenças, comportamentos e relações socialmente construídos e historicamente modelados em Antônio Pereira. Diante de tal constatação, podemos afirmar que as condutas sexuais são produzidas a partir de experiências vividas de outras gerações, cujos saberes intervêm, produzindo novas normas e condutas sexuais. Os saberes e as práticas sexuais não possuem significados isoladamente, mas se configuraram, se instituíram e se instauraram a partir de regras que passam pelos campos individual e social, num processo contínuo de transformação,

mas também de permanências. Em busca de um saber que dê significado a aspectos relativos à sexualidade, o elo de transformação está representado, aqui, principalmente pela 2ª geração das mulheres.

Esta pesquisa nos trouxe um novo olhar sobre essas mulheres, sobre as mudanças geracionais e sobre a construção e produção social da sexualidade. Com essas mulheres do distrito de Antônio Pereira, compreendemos, empiricamente, o que a literatura nos traz. Isto é, as mudanças ocorrem, porém, cada comunidade, grupo, camada social ou grupo familiar tem seu ritmo. Sem saltos e grandes rupturas, as gerações repetem comportamentos das anteriores, mas também trazem inovações, porque não estão isoladas. Essas três gerações de mulheres sofrem influências de seu meio, dos amigos, da escola, dos parentes, das mídias, da religião e de tudo que as cerca, mas também aprendem umas com as outras, mães, filhas e avós. Por isso, ao se pensar nas gerações, percebe-se que nada está estático, nem mesmo em um pequeno distrito de Ouro Preto, cidade do interior de Minas Gerais. Mas também nada na sociedade caminha em saltos. E aí encontramos a beleza da transmissão ou da coeducação geracional.

REFERÊNCIAS

ALVES-PINTO, C. Da socialização familiar à socialização escolar: representação de pais e alunos sobre as práticas educativas familiares. In: ALVES-PINTO, C; TEIXEIRA, M. *Pais e escola para o sucesso*. Porto, Portugal: ISET, 2003, p. 21-70.

ALVES, J. E. D. A definição de família convivente do IBGE: cuidados metodológicos necessários. *Aparte - inclusão social em debate*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005, p. 1-4.

AMARO, S. Crianças maltratadas e Serviço Social: subsídios à abordagem profissional. *Serviço social & Realidade*, Franca, v. 15, p. 227-252, 2006.

ARAÚJO, M. F. Casamento e sexualidade. A revisão dos mitos na perspectiva de gênero. 1999. 188 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

ARAÚJO, M. F. Paradoxos da família contemporânea. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, n. 2, p. 436-437, 2011.

AYRES, J.; CALAZANS, G. J.; SALETTI FILHO, H. C.; FRANÇA JUNIOR I. Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção à saúde. In: CAMPOS, G.; MINAYO, M. C. S., AKERMAN, M.; DRUMOND JUNIOR. M.; CARVALHO, Y. M. (orgs). *Tratado de Saúde Coletiva*. São Paulo: Ed. Fiocruz, 2006, p. 375-437.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Trad. de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 2006. 286 p.

ARIÈS, P. O amor no casamento. In: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (orgs.). *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense. 1987, p. 153-162.

BARROS, M. M. L. *Família e gerações*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. 164p.

BARROS, M. M. L. Reciprocidade e fluxos culturais entre gerações. CONGRESSO INTERNACIONAL CO-EDUCAÇÃO DE GERAÇÕES. *Anais...* São Paulo: SESC, outubro de 2003.

BATISTA, A. A. G.; CARVALHO-SILVA, H. H. Família, escola, território vulnerável. São Paulo: CENPEC, 2013. 232 p.

BAUMAN, Zigmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. 192 p.

BAUMAN, Zigmunt. *Mal-estar da pós-modernidade*. Trad. de Mauro Gama e Cláudia M. Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 276 p.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 258 p.

BLOXPLOT. Disponível em: <<http://www.portalaction.com.br/estatistica-basica/31-boxplot>>. (Acesso em: 20 jun. 2017.)

BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-121.

BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. 172 p.

BRASIL, Câmara dos Deputados. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990 e legislação correlata. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados; Centro de Documentação; Coordenação de Biblioteca.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva. Cadernos de Atenção Básica nº. 26. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL, Ministério da Saúde. O direito à homoparentalidade: *cartilha sobre as famílias constituídas por pais homossexuais*. Porto Alegre: Vênus, 2006. 35 p.

BRUSHINI, M. C. A. Uma abordagem sociológica. *Revista Brasileira de Estudos da População*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 1-23, jan./jun. 1989.

BRYM, R. Famílias. *Sociologia: sua bússola para um novo mundo*. São Paulo: Thomson Learning, 2006, 609 p.

BUTLER, J. P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

CAMARANO, A. A. *Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento?* Rio de Janeiro: IPEA, 2014. 663 p.

CARMO, P. S. *Entre a luxúria e o pudor: a história do sexo no Brasil*. São Paulo: Octavo, 2011. 443 p.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. 426p

COSTA, L. F. Notas sobre formas contemporâneas de vida familiar e seus impactos na educação dos filhos. In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (orgs.). *Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 356-371.

CERVENY, C. M. de O. *A família como modelo: desconstruindo a patologia*. 2. ed. Campinas, SP: Livro Pleno, 2011. 158 p.

DEL PRIORE, M. *A mulher na história do Brasil: raízes históricas do machismo brasileiro, a mulher no imaginário social, “lugar de mulher é na história”*. São Paulo: Contexto, 1989. 680 p.

DEL PRIORE, M. *Histórias e conversas de mulher*. Rio de Janeiro: Ed. Planeta do Brasil, 2013. 312 p.

DIAS, M. B. *Homoafetividade: o que diz a Justiça!* Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2003. 197 p.

DIAS, M. B. Família homoafetiva. *Seleções jurídicas Adv*, São Paulo, p. 16-17, jul. 2007.

DOLL, J. Gerações – um olhar para o “problema das gerações” de Karl Mannheim. *Revista Portal de Divulgação*, n. 28, Ano III, p. 157-185, dez. 2012.

DOMINGUES, J. M. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. *Tempo Social*. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 67-89, maio de 2002.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

LEANDRO, M. E. Transformações da família na história do Ocidente. *Theologica*, Braga, 2ª série – Fasc. 1, p. 51-74, 2006.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. 236 p.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2007. 178 p.

FOUCAULT, M. Poder-corpo. *Microfísica do poder*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998, p. 87-98.

GIDDENS, A. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora UNESP, 1993. 228 p.

GIDDENS, A. *Mundo em descontrole*. Trad. de Maria Luiza de A. Borges. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. 112 p.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Editora Atlas, 1999. 206 p.

GIORGIOIS, J. C. T. Arqueologia das famílias: da ginecocracia aos arranjos plurais. *Revista Brasileira de Direito da Família e Sucessões*, Belo Horizonte, Magister, ano XII, n.17, p. 15-16, ago-set-2010.

GUEIROS, D. A. Família e proteção social: questões atuais e limites da solidariedade familiar. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, ano 23, n. 71, p. 102-121, set. 2002.

HEILBORN, M. L. *et al.* *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006. 536 p.

HIGHWATER, J. *Mito e sexualidade*. São Paulo: Saraiva, 1992. 200 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Síntese dos indicadores nacionais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. 266 p.

KAZTMAN, R. *Notas sobre la medición de la vulnerabilidad social*. Borrador para discusión. 5. Taller regional, la medición de la pobreza, métodos e aplicaciones. México: BID-BIRF-CEPAL, 2000. 548 p.

LAQUEUR, T. W. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 374 p.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010. 81 p.

MINAYO, M. C. S.; GUERRIERO, I. C. Z. Reflexividade como ethos das pesquisas antropológicas e qualitativas. *Ciência e Saúde Coletiva para a Sociedade*, Associação Brasileira de Saúde Coletiva, p. 1-15, 2013.

MOREIRA, M. I. C. *Gravidez na adolescência: análise das significações construídas ao longo de gerações de mulheres*. 2001. 248 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

MOTTA, A. B.; WELLER, W. Apresentação: a atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. *Revista Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, p. 63-79, maio/ago. 2010.

MURARO, R. M. *Sexualidade da Mulher Brasileira: Corpo e classe social no Brasil*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1983. 504p.

OLIVEIRA, N. H. D. *Recomeçar: família, filhos e desafios*. 2009. 218 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2009.

OLIVEIRA, P. S. *Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: Editora Hucitec/FAPESP, 1999. 314 p.

PAKER, R. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora Best Seller, 1994. 295 p.

PETRINI, J. C. *Pós-modernidade e famílias*. Bauru: Ed. Edusc, 2003. 228 p.

Prefeitura Municipal de Ouro Preto – www.ouropreto.mg.gov.br/distritos/antonio-pereira. Acesso em 22-10-2015.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 199 p.

RUIZ CORREA, O. B. *O legado familiar: a tecelagem grupal da transmissão psíquica*. Rio de Janeiro, 2000. 144 p.

SARTI, C. Famílias enredadas. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (orgs.). *Família, rede, laços e políticas públicas*. São Paulo: Instituto de Estudos Especiais, PUC SP; Cortez, 2008. 308 p.

SINGLY, F. O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, C. E.; SINGLY, F.; CICCHELLI, V. (orgs.). *Família e individualização*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, p. 13-19.

SINGLY, F. *Sociologia da família contemporânea*. Trad. de Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. 208 p.

SILVA, N. V.; HASENBALG, C. Tendências da desigualdade educacional no Brasil. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 3, p. 423-445, 2000.

TOMIZAKI, K. Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 111, p. 327-346, abr./jun. 2010.

VITALE, M. A. F. Famílias monoparentais: indagações. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, Cortez, n. 71, especial, p. 63-79, 2002.

ANEXOS

I Cadastro Familiar Junho 2016 – Antônio Pereira

FAIXA ETÁRIA – ANOS	MASC.	FEM.	TOTAL
< 1 mês	3	4	7
1 a 11 meses	54	28	82
1 a 4 anos	164	163	327
5 a 9 anos	199	164	363
SUB-TOTAL CRIANÇAS	420	369	789
10 a 14 anos	208	186	394
15 a 19 anos	242	261	503
SUB-TOTAL ADOLESCENTES	450	447	897
20 a 24 anos	223	217	440
25 a 29 anos	219	205	424
30 a 34 anos	223	205	428
35 a 39 anos	212	237	449
40 a 44 anos	389	161	550
45 a 49 anos	149	168	317
50 a 54 anos	136	118	254
55 a 59 anos	93	104	197
SUB-TOTAL ADULTOS	1432	1415	2847
60 a 64 anos	72	77	149
65 a 69 anos	48	60	108
70 a 74 anos	37	42	79
75 a 79 anos	17	57	74
> 80 anos	12	28	40
SUB-TOTAL IDOSOS	159	222	381
TOTAL	2488	2447	4935

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da Estratégia Saúde da Família / Unidade Básica de Saúde de Antônio Pereira

Nota: Não estão incluídos, no cadastro, a população flutuante do distrito de Antônio Pereira

QUESTIONÁRIO AUTO-REFERIDO DE CONDIÇÕES / SITUAÇÕES DE SAÚDE

CONDIÇÕES / SITUAÇÕES DE SAÚDE GERAIS		SE SIM, QUAL É A MATERNIDADE DE REFERÊNCIA?	
ESTÁ GESTANTE? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não			
SOBRE SEU PESO, VOCÊ SE CONSIDERA? <input type="radio"/> Abaixo do Peso <input type="radio"/> Peso Adequado <input type="radio"/> Acima do Peso		TEM DOENÇA RESPIRATÓRIA / NO PULMÃO? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não SE SIM, INDIQUE QUAL(S):** <input type="checkbox"/> Asma <input type="checkbox"/> DPOC/Enfisema <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/> Não Sabe	
ESTÁ FUMANTE? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não		ESTÁ COM HANSENÍASE? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não	
FAZ USO DE ALCOOL? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não		ESTÁ COM TUBERCULOSE? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não	
FAZ USO DE OUTRAS DROGAS? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não		TEM OU TEVE CÂNCER? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não	
TEM HIPERTENSÃO ARTERIAL? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não		TEVE ALGUMA INTERNAÇÃO NOS ÚLTIMOS 12 MESES? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não	
TEM DIABETES? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não		SE SIM, POR QUAL CAUSA? _____	
TEVE AVC / DERRAME? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não		FEZ OU FAZ TRATAMENTO COM PSQUIATRA OU TEVE INTERNAÇÃO POR PROBLEMA DE SAÚDE MENTAL? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não	
TEVE INFARTO? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não		ESTÁ ACAMADO? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não	
TEM DOENÇA CARDÍACA / DO CORAÇÃO? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não		ESTÁ DOMICILIADO? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não	
SE SIM, INDIQUE QUAL(S):** <input type="checkbox"/> Insuficiência Cardíaca <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/> Não Sabe		USA PLANTAS MEDICINAIS? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não	
TEM OU TEVE PROBLEMAS NOS RINS? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não		SE SIM, INDIQUE QUAL(S): _____	
SE SIM, INDIQUE QUAL(S):** <input type="checkbox"/> Insuficiência Renal <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/> Não Sabe		USA OUTRAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não	
OUTRAS CONDIÇÕES DE SAÚDE _____			
1 - QUAL? _____		2 - QUAL? _____	
		3 - QUAL? _____	

CIDADÃO EM SITUAÇÃO DE RUA		É ACOMPANHADO POR OUTRA INSTITUIÇÃO? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não	
ESTÁ EM SITUAÇÃO DE RUA?* <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não		SE SIM, INDIQUE QUAL(S): _____	
TEMPO EM SITUAÇÃO DE RUA? <input type="radio"/> < 6 meses <input type="radio"/> 6 a 12 meses <input type="radio"/> 1 a 5 anos <input type="radio"/> > 5 anos		VISITA ALGUM FAMILIAR COM FREQUÊNCIA? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não	
RECEBE ALGUM BENEFÍCIO? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não		SE SIM, QUAL É O GRAU DE PARENTESCO? _____	
POSSUI REFERÊNCIA FAMILIAR? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não		TEM ACESSO A HIGIENE PESSOAL? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não	
QUANTAS VEZES SE ALIMENTA AO DIA? <input type="radio"/> 1 vez <input type="radio"/> 2 ou 3 vezes <input type="radio"/> mais de 3 vezes		SE SIM, INDIQUE QUAL(S):** <input type="checkbox"/> Banho <input type="checkbox"/> Acesso ao Sanitário <input type="checkbox"/> Higiene Bucal <input type="checkbox"/> Outros	
QUAL A ORIGEM DA ALIMENTAÇÃO? <input type="checkbox"/> Restaurante Popular <input type="checkbox"/> Cozinha Restaurante <input type="checkbox"/> Outros <input type="checkbox"/> Cozinha Grupo Religioso <input type="checkbox"/> Cozinha de Popular			

Legenda: Opção Múltipla de Escolha Opção Única de Escolha (Marcar X na opção desejada)

* Campo Obrigatório

** Campo obrigatório condicionado a pergunta anterior

ANEXO IV Questionário

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUACAO / MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Pesquisa: TECENDO A SEXUALIDADE ENTRE AVÓS, MÃES E FILHAS:
Um estudo exploratório sobre as mulheres no distrito de Antônio Pereira, Ouro Preto/MG.

Entrevistadas: Segunda geração de mulheres de três gerações de uma mesma família

Data da aplicação: _____ Aplicadora: _____

1 Identificação

1.1 Nome: _____

1.2 Data de nascimento: ___/___/_____ 1.2.1 Idade: _____

1.3 Cor: branca negra parda amarela indígena não sabe/não respondeu

1.4 Estado civil: casada amigada união estável solteira viúva divorciada outro

1.5 Quantos filhos você tem? _____

1.6 Quantas filhas adolescentes entre 12 e 19 anos? _____

1.7 Caso tenha marido/companheiro, perguntar: Seu marido/companheiro é o pai da sua(s) filha(s) adolescente(s)? Sim Não

2 Escolaridade

2.1 Escolaridade: analfabeta Ensino Fundamental incompleto Ensino Fundamental completo Ensino Médio/Técnico completo Ensino Médio/Técnico incompleto Ensino Superior incompleto Ensino Superior completo

2.1.1 Se não completou os estudos, gostaria de ter estudado mais? sim não não sabe/não respondeu não se aplica

2.1.2 Se não completou os estudos, por que parou de estudar? não quis teve que trabalhar gravidez teve que cuidar dos filhos não acreditava que os estudos lhe ajudariam no futuro não tinha escola próxima não sabe/não respondeu outro motivo _____

2.2 Sua(s) filha(s) adolescente(s) estuda? sim não

2.3 Qual a escolaridade de sua(s) filha(s) adolescente(s)? (idades entre 12 a 19 anos) analfabeta Ensino Fundamental incompleto Ensino Fundamental completo Ensino Médio/técnico incompleto Ensino Médio/Técnico completo

2.4 Se a(s) filha(s) adolescente(s) não estuda(estudam), parou(pararam) de estudar por quê? não quis teve que trabalhar teve que cuidar dos irmãos... gravidez... outro motivo _____ . não sabe/não respondeu não se aplica

2.5 Sua mãe estuda? sim não

2.6 Qual a escolaridade de sua mãe? analfabeta Ensino Fundamental incompleto Ensino Fundamental completo Ensino Médio /Técnico incompleto Ensino Médio/Técnico completo Ensino Superior incompleto Ensino Superior completo não sabe/não respondeu

2.7 Você trabalhava quando a(s) sua(s) filha(s) nasceu (nasceram)? sim não

2.7.1 Se trabalhava nessa época, quem ficava com ela(s) para você trabalhar? sua mãe seu marido outra pessoa ninguém outro motivo não se aplica

2.7.2 Se trabalhava, qual era a sua ocupação na época? _____

2.8 Qual a sua profissão atual? _____

2.9 Qual a profissão do seu marido/companheiro? _____

2.10 Qual a profissão de sua(s) filha(s) adolescente(s)? _____

2.11 Qual a profissão de sua mãe? _____

3. Perfil socioeconômico

3.1 Tipo de habitação: casa apartamento alojamento invasão cômodo

3.2 Sua residência é: própria alugada emprestada invadida outro _____

3.3 Quantas pessoas residem no domicílio em que você mora? _____

3.4 Quem são as pessoas que residem com você no domicílio? _____

3.5 Há quanto tempo você e sua família residem na comunidade? _____

3.6 Quem são pessoas que contribuem com as despesas da casa? você companheiro sua mãe/pais todos outro _____ não sabe/não respondeu não se aplica

3.7 Você recebe auxílio de algum programa de governo ou da comunidade? não bolsa família ajuda da comunidade outro programa (especificar) _____ não sabe/não respondeu

3.8 Qual o total da renda familiar?

(considera-se o salário mínimo vigente de R\$ 880,00). menos de R\$ 880 R\$ 880 de R\$881 a R\$ 2.640 de R\$ 2.641 a R\$ 4.400 acima de R\$ 4.401

4. Perfil sociocultural

4.1 Em qual religião você foi criada? _____

4.2 Atualmente, você frequenta alguma igreja? sim não

4.2.1 Se sim, qual? _____

4.3 Sua mãe frequenta alguma igreja? sim não

4.3.1 Se sim, qual? _____

4.4 Seus filhos frequentam alguma igreja? sim não

4.4.1 Se sim, qual? _____

4.5 Sua(s) filha(s) adolescente(s) frequenta(m) alguma igreja? sim não

4.6 Sua(s) filha(s) adolescente(s) frequenta(m) algum grupo de jovem? sim não

5. Sobre os pais

5.1 Seus pais moram juntos? sim não não se aplica

5.1.1 Se não moram, seus pais já viveram juntos na mesma casa? sim não

5.1.2 Quantos anos você tinha quando seu pai saiu de casa? _____

5.2 Que idade sua mãe tinha quando teve o primeiro filho? _____

5.3 Que idade sua mãe tinha quando engravidou de você? _____

5.4 Você mora com sua mãe? sim não

5.4.1 Se não mora com a mãe, quantos anos você tinha quando saiu da casa dela?

5.5 Qual a idade da sua mãe?

6. Sobre o trabalho

6.1 Você trabalha fora? sim não

6.2 Qual idade tinha quando começou a trabalhar? _____

6.3 Caso trabalhe fora de casa, alguém fica com seus filhos para você trabalhar? sim não

6.3.1 Se sim, quem fica? _____

6.3.2 Caso não trabalhe fora: Qual o principal motivo para você ficar em casa e não trabalhar fora? estudos não conseguiu trabalho cuidar dos filhos outro (especificar) _____ não se aplica

7. Sobre a sexualidade

7.1 Por meio de quem, você obteve as primeiras informações sobre:

7.1.1 Relação sexual: sua mãe seu pai seu parceiro seus irmãos amigos
 escola livros e revistas televisão internet não sabe/não respondeu

7.1.2 Gravidez: sua mãe seu pai seu parceiro seus irmãos amigos
livros e revistas escola televisão internet outros não sabe/não
respondeu

7.1.3 Métodos/meios para evitar filhos: sua mãe seu pai seu parceiro seus
irmãos amigos livros e revistas escola televisão internet outros
não sabe/não respondeu

7.2 Você conversa com sua filha sobre sexo e sobre namoro? sim não

7.2.1 Se não, com quem você acha que ela conversa? pai parceiro(a) irmãos
amigos professores outros ninguém televisão internet livros e
revistas não sabe/não respondeu

7.2.2 Quem você acha que deve orientar, sua filha sobre assuntos de sexo/namoro?
você pai parceiro irmãos amigos professores outros ninguém
não sabe/não respondeu

7.3 Se conversa e/ou quando conversa com sua(s) filha(s), você aprende ou obtém
informações sobre sexo/namoro? sim não não conversa não sabe/não respondeu

7.4 A sua mãe conversava com você sobre assuntos de sexo e namoro? sim não não
sabe/não respondeu

7.5 Se sua mãe não conversava com você sobre assuntos de sexo e namoro, como você se
informava? pai/padrasto irmã/irmão outro familiar _____ amiga(o)
televisão internet livros não se informava não sabe/não respondeu

7.6 Você conversou com sua filha sobre menstruação e sobre as transformações que
acontecem com o corpo da mulher? sim não não sabe/não respondeu

7.7 A sua mãe conversava com você sobre as transformações do corpo que aconteceram com
você? sim não não sabe/não respondeu

7.8 Você conversa com sua filha sobre doenças sexualmente transmissíveis? sim não
não sabe/não respondeu

7.9 Com quem você obteve informações sobre sexo/namoro? mãe pai parceiro
irmãos amigos professores televisão internet livros e revistas outros
ninguém não sabe/não respondeu

7.10 Quantos anos você tinha quando você teve sua primeira relação sexual? _____

- 7.11 Quantos anos você tinha quando você engravidou pela primeira vez? _____
- 7.12 Com quantos anos teve seu primeiro filho? _____
- 7.13 Sua gravidez foi planejada? sim não
- 7.14 Você sabe se a sua filha namora/fica com alguém? sim não não sabe/não respondeu
- 7.15 Caso sua filha esteja se relacionando com alguém, você permite/aceita que ele(a) durma com ela sem estar casada/morando juntos(as)? sim não não se aplica
- 7.16 Sua mãe permitia que você dormisse com o namorado(a)/parceiro(a) sem estar casada? sim não não se aplica
- 7.17 Com quem você conversa sobre sexo? parceiro amigas mãe filha não conversa outros (especificar) _____ ninguém não sabe/não respondeu
- 7.18 Quando engravidou de seu primeiro filho(a), você pretendia: casar/ morar com seu parceiro terminar o relacionamento não pensava no futuro não lembra não sabe/não respondeu não se aplica
- 7.19 Antes de saber se estava grávida, você: estava tentando engravidar queria engravidar, porém mais tarde não queria engravidar não sabe/não respondeu não se aplica
- 7.20 Na época que você engravidou, com quem você morava? mãe/ pai amiga(o) avós com o parceiro outro não sabe/não respondeu
- 7.21 Quando sua mãe soube que você estava grávida, qual a atitude dela : ficou satisfeita não ligou achou normal brigou com você disse que ajudaria a cuidar do bebê outra não sabe/não respondeu
- 7.22 Se a sua filha engravidasse hoje, qual seria sua reação? ficaria satisfeita não ligaria acharia normal brigaria com ela ajudaria a cuidar do bebê outra não sabe/não respondeu
- 7.23 Antes de engravidar, sua mãe conversou com você a respeito de gravidez e das formas para se evitá-la? sim não não sabe/não respondeu
- 7.24 Quem cuidava/tomava conta da sua filha quando ela era criança? você sua mãe empregada amiga creche outro ninguém